

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

CASSIANE SANT ANA DE OLIVEIRA

**UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE SORORIDADE EM *HIBISCO ROXO*, DE
CHIMAMANDA ADICHIE**

PATO BRANCO – PR
2018

CASSIANE SANT ANA DE OLIVEIRA

**UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE SORORIDADE EM *HIBISCO ROXO*, DE
CHIMAMANDA ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Letras-Português/Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Literatura Africana

Orientador(a): Rosangela Aparecida Marquezi

PATO BRANCO – PR
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Cassiane Sant'ana de Oliveira**

Título: **Um olhar sobre as relações de sororidade em "Hibisco Roxo", de Chimamanda Adichie**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 28/11/18, pela comissão julgadora:

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Franciele Clara Peloso – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

"A Folha de Aprovação original assinada encontra-se na Coordenação de Curso."

Dedico este trabalho a todas as mulheres,
sejam elas, irmãs, amigas, conhecidas e
desconhecidas.

Desejo-lhes maissoridade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me dado força e saúde para concluir este estudo.

À minha orientadora, Professora e Mestre Rosangela Aparecida Marquezi, que maravilhosamente me auxiliou com o seu amplo conhecimento sobre a literatura africana e por me inspirar nessa área tão fascinante. Por contribuir e direcionar o trabalho e por ter tido muita paciência durante as correções. Obrigada pela assistência em todos os nossos encontros.

À minha família por me incentivar a todo o momento, em especial, ao Claudio Marcos de Britto por acreditar em mim e por ser um grande companheiro.

À Larissa Sant Ana de Oliveira, amiga e irmã, por ter me apresentado às obras de Chimamanda Ngozi Adichie e por sempre compartilhar o seu estilo maravilhoso e a sua africanidade. Sem essa troca, a realização deste trabalho não seria possível. Gratidão.

Aos meus colegas e amigos, pela preocupação e carinho, por oferecer ajuda por meio de gestos e palavras.

A todos os professores docentes do Departamento de Letras e do Departamento de Humanas que contribuíram para a minha formação acadêmica, ampliando o meu olhar sobre todas as áreas ministradas ao longo desses quatro anos. Sou grata e desejo ser uma professora de excelência igual a todos vocês.

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da cultura, então temos que mudar nossa cultura.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

OLIVEIRA, Cassiane S. de. **Um olhar sobre as relações de sororidade em *Hibisco roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie**. 2018. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

A presente pesquisa consiste em fazer uma análise sobre as relações de sororidade entre as personagens femininas do romance *Hibisco roxo* (2003), de Chimamanda Ngozi Adichie, bem como apresentar como ocorre o relacionamento de solidariedade, respeito, cuidado, união e empatia entre as mulheres da narrativa. Para isso, procurou-se destacar o estilo literário da autora que é um diferencial na literatura africana contemporânea dentro do contexto da escrita pós-colonial. Buscou-se apresentar um panorama geral da literatura africana no pós-colonial e também descrever a importância das vozes das mulheres escritoras africanas dentro da literatura feminina. Adichie traz como foco principal as mulheres e evidencia uma relação de amizade entre elas, mesmo entre as que não têm propriamente um vínculo familiar. Para a análise, verificou-se também a definição de movimentos como o feminismo, com o propósito de constatar que a postura feminista das personagens dessa narrativa contribuiu para o surgimento da sororidade. Buscaram-se, para embasar a análise, referenciais teóricos que pudessem discutir tanto a literatura africana quanto a questão do feminismo e da sororidade. Por isso, utilizou-se a concepção da própria autora por meio das obras *Sejamos todos feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas* (2017), como também autores como Chinua Achebe (2012), Natália Telega-Soares (2014), Fernanda Oliveira Müller (2017), Babi Souza (2016), Thomas Bonnici (2007), entre outros. Desse modo, conseguiu-se depreender que, em *Hibisco roxo*, a união feminina propicia identificação, companheirismo e a solidariedade entre as mulheres, rompendo, assim, com o pensamento existente na sociedade que propaga a rivalidade feminina. Sendo assim, acredita-se que o resultado deste estudo possa contribuir de maneira eficaz para outras pesquisas, agregando criticamente um conhecimento a respeito das discussões levantadas por Chimamanda Ngozi Adichie, não somente no livro analisado, mas em todas as suas obras.

Palavras-chave: Sororidade. Literatura africana. Chimamanda Ngozi Adichie.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Cassiane S. de. **A look at sorority relationships in Purple Hibiscus, by Chimamanda Ngozi Adichie.** 2018. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

The present research consists of analyzing the relations of sorority between the female characters of the novel *Purple Hibiscus* (2003) by Chimamanda Ngozi Adichie, as well as presenting the relationship of solidarity, respect, care, unity and empathy between the women of the narrative. For this, it was sought to highlight the author's literary style that is a differential in contemporary African literature within the context of postcolonial writing. It was sought to present an overview of African literature in the postcolonial and also to describe the importance of the voices of African women writers within women's literature. Adichie's main focus is on women and shows a relationship of friendship between them, even among those who do not have a family bond. For the analysis, it also verified the definition of movements as feminism, with the purpose of verifying that the feminist position of the characters in this narrative contributes to the emergence of sorority. To support the analysis, theoretical references were used to discuss both African literature and the issue of feminism and sorority. For that, the author's own conception was utilized through the works *We are all feminists* (2014) and *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, (2017), as well as authors such as Chinua Achebe (2012), Natália Telega-Soares (2014), Fernanda Oliveira Müller (2017), Babi Souza (2016), Thomas Bonnici (2007), among others. In this way, it was possible to be understood that in *Purple Hibiscus*, the feminine union provides identification, companionship and the solidarity between the women, thus breaking with the existent thought in the society that propagates the feminine rivalry. Thus, it is believed that the result of this study can contribute effectively to other research, critically aggregating knowledge about the discussions raised by Chimamanda Ngozi Adichie, not only in the book analyzed but in all her works.

Key words: Sorority. African Literature. Chimamanda Ngozi Adichie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A ESCRITA LITERÁRIA FEMININA NO PÓS-COLONIALISMO AFRICANO.....	12
1.1 LITERATURA AFRICANA FEMININA NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL.....	12
1.2 UM ESPAÇO PARA AS ABORDAGENS DO FEMINISMO.....	16
1.3 SORORIDADE – A IRMANDADE ENTRE MULHERES.....	22
2 VOZES DE MULHERES AFRICANAS: A ESCRITA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE.....	25
2.1 A FORÇA DAS VOZES DAS MULHERES AFRICANAS NA LITERATURA.....	25
2.2 VIDA E OBRA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE.....	27
2.3 O OLHAR DA AUTORA ÀS SUAS PERSONAGENS FEMININAS.....	31
2.4 HIBISCO: DO VERMELHO AO ROXO.....	34
3 PARA ALÉM DA AMIZADE: MULHERES EM BUSCADA SORORIDADE.....	39
3.1 LUTA E IDENTIDADE FEMININA EM <i>HIBISCO ROXO</i>	39
3.2 AS MULHERES FEMINISTAS EM <i>HIBISCO ROXO</i>	44
3.3 SORORIDADE: UMA RELAÇÃO DE CUIDADO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

A Literatura Africana, assim como outros tipos de literatura, tem grande importância no cenário histórico-mundial, não só por causa da função social, de poder testemunhar os registros históricos de uma sociedade e sua época, mas porque a sua escrita está comprometida em difundir e se opor às mais variadas formas de desigualdade e opressão existentes, relacionadas ao povo negro africano.

Por isso, escolheu-se como objeto de estudo deste trabalho essa temática da Literatura Africana, tendo como foco o livro *Hibisco roxo* (2003) da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que vem ganhando destaque ao longo dos anos, pelo modo da sua escrita e por dirigir, em especial, um olhar sobre as mulheres africanas que estão dentro ou fora da sua comunidade. Como a literatura de Chimamanda Ngozi Adichie evidencia uma relação de coletividade e a união entre mulheres e homens, na análise procurar-se-á evidenciar a identidade da mulher africana, estabelecendo um olhar sobre as relações de amizade que as mulheres podem ter uma para com as outras.

Pretende-se, ainda, a partir deste estudo, verificar como ocorre o relacionamento entre as mulheres da narrativa, buscando relatar se há entre elas um relacionamento feminino que gera a sororidade¹. Devido à importância desse assunto, espera-se responder nestas pesquisas seguintes questionamentos: De que modo se caracteriza a parceria entre as personagens mulheres do livro? Como acontece o ato da sororidade entre as mulheres de *Hibisco roxo*? A postura feminista de algumas personagens auxilia na relação de sororidade? Há uma relação de irmandade entre as personagens femininas?

Com o intuito de responder a essas questões, inicialmente se discutirá a relação de sororidade entre as personagens do livro para, então, analisar como se desenvolve o respeito mútuo e a prática da valorização de uma mulher para com a outra no romance, salientando-se em que momento a sororidade acontece. Também se tenciona enfatizar que as atitudes feministas podem transformar a ideia de rivalidade e gerar solidariedade nas relações femininas.

¹ Substantivo feminino: Relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãos. União de mulheres que compartilham os mesmos ideais e propósitos, normalmente de teor feminista. (DÍCIO, dicionário online de Português).

Tendo em vista esses propósitos, a elaboração deste trabalho será de cunho bibliográfico, embasando-se em livros, publicações de revistas, artigos científicos, impresso ou on-line, entre outros. Esse tipo de pesquisa, segundo Fachin (2002, p. 125), refere-se:

[...] ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Para sustentar e fundamentar a análise deste estudo serão utilizados alguns trabalhos relacionados ao tema que conceituam os aspectos que estão relacionados à definição de feminismo e sororidade. Assim, como principal fonte destacam-se os autores: Chinua Achebe (2012), Natália Telega-Soares (2014), Fernanda Oliveira Müller (2017), Babi Souza (2016), Thomas Bonnici (2007), entre outros e também os dois manifestos *Sejamos todos feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie.

A partir dos estudos, o primeiro capítulo, *A escrita literária feminina no pós-colonialismo africano*, apresenta um panorama geral sobre a escrita literária feminina africana, destacando que o seu surgimento se deu a partir do contexto do pós-colonialismo, pois esse estilo insurgiu-se contra os modelos machistas e patriarcais presentes na sociedade e na literatura africana. Essa forma de escrita luta contra um tipo de exclusão existente, quando se refere às obras de autoria de mulheres africanas e negras. É nesse momento do período pós-colonial que emergem vozes de escritoras africanas que enalteceram a figura das mulheres negras africanas, inseridas em várias áreas de atuação na sociedade, seja no ambiente familiar, profissional, educacional, religioso, entre outros.

Relatar-se-ão, ainda, a respeito da contribuição de movimentos como o feminismo que permitiu que essas vozes fossem reconhecidas e também sobre a definição da palavra sororidade, que está ligada ao pensamento que deve haver amizade nas relações e no tratamento entre as mulheres. Tanto as autoras consideradas pioneiras quanto Chimamanda Ngozi Adichie estimulam essa prática em suas narrativas e abordam sobre mulheres que possuem personalidades e agem com autonomia, liberdade e independência para conduzir as suas vidas do jeito que melhor lhes convém.

No segundo capítulo, *Vozes de mulheres africanas: a escrita de Chimamanda Ngozi Adichie*, realiza-se uma breve descrição sobre a vida e a obra da autora, demonstrando o seu posicionamento feminista por meio de algumas de suas personagens femininas, tendo em vista a premissa de que as mulheres africanas podem, sim, ser protagonistas e autoras da sua história. Além disso, apresenta-se um resumo do romance analisado para mostrar que na história há uma prática de solidariedade entre as personagens femininas.

A partir disso, no terceiro capítulo, *Para além da amizade: mulheres em busca da sororidade*, se fará uma análise explorando o conceito de sororidade proposto por alguns autores expressando em que momento a sororidade acontece entre as personagens femininas de *Hibisco roxo*.

Espera-se que esta análise possa contribuir e trazer luz às questões que abrangem os assuntos relacionados à escrita de Adichie, assim como ao pós-colonialismo africano, ao feminismo e à sororidade, pois são temas atuais que vêm tendo muita repercussão na sociedade do século XXI.

1 A ESCRITA LITERÁRIA FEMININA NO PÓS-COLONIALISMO AFRICANO

De todas as explosões que sacudiram o continente africano nas últimas décadas, poucas foram tão espetaculares, e tão benéficas, como o surgimento da literatura africana, jogando um pouco de luz aqui e ali sobre uma área antes mergulhada na escuridão.

(ACHEBE, 2012, p. 100).

Este capítulo trará algumas considerações a respeito do pós-colonialismo, apresentando a sua definição, visto que está, literal e metaforicamente, presente em muitas das histórias da literatura africana. Também se verificará como ocorreu a consolidação da identidade da literatura africana, do povo negro, que se desvencilhou do modelo literário do colonizador.

Para a análise da questão da sororidade, também é importante a discussão da atuação de movimentos como o feminismo que possibilitou um espaço à escrita literária feminina africana. Por esse motivo, explanar-se-á sobre a significação e as categorias desse movimento, para, então, versar acerca do conceito de sororidade, fazendo uma explicação dessa palavra e trazendo o entendimento de alguns autores sobre o assunto. Dessa forma, tanto o feminismo quanto a sororidade serão explicados aqui com o intuito de fundamentar a análise desta pesquisa.

1.1 LITERATURA AFRICANA FEMININA NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL

Ao longo da história africana, pode-se perceber que houve muitas mudanças em várias áreas referentes ao cenário histórico, cultural, político, social e literário dos 54 países do continente africano, os quais lutaram para que ocorresse a quebra de valores ocidentais impostos em seus territórios durante muitos séculos.

O processo pela busca de uma independência e da estruturação de uma identidade intrínseca, seja ela própria ou nacional, sempre esteve enraizado no espírito do povo negro de origem africana. Isso se deve, em muitos aspectos, à luta contra o regime de exploração e colonização, realizado principalmente pelas nações europeias, que fragmentou o conjunto de crenças, ideologias, valores identitários dos negros. (ACHEBE, 2012).

Além do mais, pode-se ter em mente a afirmação de que, em um primeiro momento, o colonizado foi excluído do processo da construção cultural do seu país, pois

[...] o programa do colonizador não previa, nem poderia prever, a celebração do mundo do colonizado; [...]. Atributos menores, tais como cultura e religião, foram debatidos extensamente por outros e, de modo geral, descartados no que se referia à África. **Sendo** [...] – “esquecida do mundo, pelo qual também foi esquecida”. (ACHEBE, 2012, p. 116, grifo nosso).

Por causa disso, o povo africano perdeu parte da sua identidade e a sua língua materna foi alterada, devido à imposição, opressão e injustiça dos colonizadores, tendo que modificar um conjunto de culturas em virtude da colonização. Como resultado desse processo,

[...] verificou-se sobretudo uma transfiguração no tempo passado, própria do processo de expropriação que define os propósitos do colonizador. Destituiu-se [...] não somente da terra e das riquezas que ela oferece como também de sua memória cultural, anulando-se o sujeito, promovendo-se o sentimento de inferioridade, garantindo-se, assim, a manutenção da exploração. [...]. O processo de colonização implicou a ocidentalização do imaginário e das representações do colonizado, ou seja, o desvirtuamento de sua cultura, à custa de um falseamento da história, a qual se viu, assim, interrompida. (CAETANO, 2007, p. 3).

Todo esse processo foi se modificando no contexto pós-guerra, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, pois cada país do continente africano tentou se desvencilhar, de maneiras diferentes, do discurso do colonizador que aniquilava a existência do colonizado e que modificava e transmitia os fatos de acordo com a sua visão, rejeitando o outro lado da história. (SOUZA; BARZOTTO, 2016).

Essas transformações não aconteceram ao mesmo tempo em todas as nações africanas, mas cada uma em períodos distintos e, segundo Souza e Barzotto (2016, p. 55), por pessoas engajadas contra o sistema colonial e os resquícios deixados pela colonização.

Com isso, grupos que até então eram considerados como parte de uma sociedade marginalizada começaram, através de uma silenciosa, mas promissora manifestação, denunciar o papel de imposição do colonizador. E foi justamente através de manifestações de arte, não apenas literária, que as atividades de grupos colonizados ganharam mais força e se tornaram influentes.

Esse processo foi o principal acontecimento que consolidou um novo estilo de pensamento, escrita e de estudos, sendo classificado como teoria pós-colonial que,

de caráter transformador, reescreveu a história africana criando novas perspectivas e identidades, dentro desse contexto, se pautando no velho para construir o novo.

Dessa forma, pode-se dizer que o pós-colonialismo é “[...] um processo histórico que tem como base uma contraposição ao colonialismo. Portanto, ele tenta lutar contra as imposições que o colonialismo prega como uma ‘forma civilizatória’ para nações consideradas marginalizadas.” (SOUZA; BARZOTTO, 2016, p. 55, grifo dos autores).

Consegue-se perscrutar, com base no artigo publicado na *Revista de História e Estudos Culturais*, que a definição propriamente dita do significado da palavra pós-colonial está relacionada ao ato de

[...] superar a crise de entendimento produzida pela inabilidade das velhas categorias em dar conta do mundo, revertendo, deslocando e redimensionando o aparato de conhecimento da dominação ocidental. Ele busca destruir a hierarquia colonizador – colonizado, um lugar tangencial, uma fronteira, um entrelugar (in-between) onde novos sentidos poderão ser negociados. (CAETANO, 2007, p. 20).

Entende-se, assim, que as lutas contra o colonialismo e a busca pela independência dos países do continente africano contribuíram, inclusive, para a criação de uma nova literatura africana, pois “[...] a literatura pós-colonial é uma grande ferramenta na denúncia e ação contra ações colonizadoras nesse contexto.” (SOUZA; BARZOTTO, 2016, p. 56).

Constata-se, então, que “[...] a dimensão da literatura africana está fortemente ligada às questões políticas, coloniais, da luta contra o colonizador [...]” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 49), pois o estilo de literatura pós-colonialista visa rejeitar os valores e costumes impostos durante o período colonial com o intuito de enaltecer as crenças e tradições dos antepassados africanos e reafirmar a identidade africana.

Esse fato permite uma maior valorização da identidade do povo negro africano e a notabilidade para autores negros que escrevem sobre a literatura africana, entendendo que

[...] a literatura funciona como um espelho que reflete a realidade, isto é, que dela obtém-se uma certa compreensão da história, segundo a experiência e a interpretação do escritor-narrador. [...]. O texto literário elabora-se como mecanismo teórico que se conecta a história, podendo, em função dessa conexão, ser tomado como verdadeiro. Assim, o importante não é pensar somente em termos de verdade ou falsidade, mas ampliar a compreensão das noções de verídico e de não-verídico, examinando-se os efeitos de verdade, determinando-se os elementos que, em alguma medida, se conectam à realidade histórica. (CAETANO, 2007, p. 5-6).

Alicerçados nesse fundamento, muitos dos autores africanos, principalmente as mulheres, desenvolveram novos pensamentos e concepções dentro da literatura africana contemporânea o que mostra, particularmente, o contexto de “[...] umacomunidade que discute as suas experiências consigo mesma”. (STRATTON, 1994 *apud* MARTINS, 2011, p. 121).

Para o escritor nigeriano Chinua Achebe (2012, p. 125), em seu ensaio *A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico*,

A nova literatura africana, assim como a velha, está ciente das possibilidades de que dispõe para celebrar a humanidade no nosso continente. Também está ciente de que o nosso mundo contemporâneo interage cada vez mais estreitamente com os diversos mundos dos outros.

No ramo literário, seja o universal ou africano, pode-se perceber que o espaço e “[...] o conceito de ‘cânone’ literário sempre pertenceu aos homens, e esta situação continua a persistir até aos dias de hoje, embora possamos ouvir cada vez mais vozes femininas, nesta área prestigiosa da produção literária.” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 48, grifo da autora).

Por muito tempo, a escrita da mulher africana foi apagada e deixada de lado dentro da literatura, porque a definição de literatura africana se manifestou em um período de combate contra o colonialismo: “[...] o facto de as mulheres terem sido excluídas e subalternizadas no domínio literário prende-se com a luta anticolonial e anti-imperialista.”(TELEGA-SOARES, 2014, p. 49). De fato,

Esta afirmação pressupõe a construção de uma identidade africana, negra, e de identidades nacionais que, à falta de ou contra o conceito ocidental de nação, assente na homogeneidade linguística e étnica, se associam prioritariamente a projectos políticos protagonizados e moldados à imagem de elites masculinas, tendo como momento originário e definidor (que confere sentido à História anterior e posterior) o próprio início da luta contra o colonizador. (TELEGA-SOARES, 2014, p. 120).

De acordo com Martins (2011), na década de 1960 a escrita feminina foi tomando novo corpo dentro da literatura africana por conta das correntes do movimento feminista, as quais possibilitaram às escritoras africanas uma identificação.

O papel das feministas no processo da escrita tem vindo a ser crucial ‘com a inclusão, portanto, na academia de preocupações de investigação e críticas que ora denunciasses as mensagens sexistas (escritos quer por homens,

quer por mulheres), ora revelassem vozes, até então silenciadas, que retiravam a mulher do lugar de subalternidade que até então lhe havia sido atribuído'. A palavra, a expressão literária tornaram-se uma arma feminista e serviram para alcançar os objetivos de mulheres africanas dedicadas à defesa dos direitos das mulheres e da mudança social, [...]. (AMARAL, 2005, p. 14 *apud* TELEGA-SOARES, 2014, p. 49).

Mesmo não se identificando como feministas, surgiram escritoras como Flora Nwapa, Buchi Emecheta, Mariama Bâ, Tsitsi Dangarembga, Calixthe Beyala, consideradas as pioneiras dentro do âmbito da literatura africana. Elas propunham um estilo literário que falava de temas que envolviam o cotidiano, espaço e a realidade da mulher africana. As escritas pós-coloniais dessas mulheres traziam em suas histórias muitas personagens femininas diferentes, que tinham autonomia, eram inteligentes e livres, com atitudes para enfrentar o espaço social, religioso e político em que estavam inseridas. (MARTINS, 2011).

Além desses aspectos, os trabalhos literários femininos versam sobre um estilo de literatura que visa contar a história do povo africano, a fim de falar de uma perspectiva diferente daquelas que foram propagadas no período colonial. Assim, percebe-se que são denunciadas as marcas dos passados impostas pelo colonialismo e valorizadas as novas histórias que se referem à cultura tradicional africana.

Nessa direção é que se encontram as obras de Chimamanda Ngozi Adichie, autora do livro que será discutido neste trabalho. Além de trabalhar com as questões que envolvem a sociedade africana, ela defende o seu ponto de vista a respeito do feminismo, termo este que será discutido no próximo tópico, devido à sua importância.

1.2 UM ESPAÇO PARA AS ABORDAGENS DO FEMINISMO

O direito igualitário de espaço, *status*, voz, atuação, entre outras reivindicações, sempre esteve presente na luta de mulheres. No entanto, isso só se tornou visível graças às manifestações expressas pelo movimento social conhecido como feminismo, o qual abrange uma luta política e social, por meio de ideologias e teorias filosóficas, em prol das causas femininas (de diferentes culturas, classes, religiões etc.), a fim de propagar, reafirmar e defender a igualdade entre mulheres e homens.

O feminismo revolucionou o modo de pensar de pessoas do sexo feminino, pois inicialmente foi conhecido como “movimento sufragista” que dava direito de voto às mulheres, com o entendimento que era necessário dar espaço à mulher para que elas pudessem participar das eleições. Esse movimento surgiu no século XIX em países da Europa e, também, nos Estados Unidos. O feminismo buscava “[...] por direitos legais, como ao voto e à propriedade e melhorias das condições de trabalho e remuneração.” (MÜLLER, 2017, p. 69).

Nesse viés, surgiram muitos estudiosos, filósofos e escritores que rejeitavam a ideia de separação entre homem e mulher “[...] de que os seres humanos estão divididos entre machos e fêmeas, correspondendo a cada sexo, lugares, papéis, status e poderes desiguais na vida pública e na vida privada, na família, no trabalho e na política.” (SILVA, 2016, p. 44). Nessa linha, a autora francesa Simone de Beauvoir, ao lançar o livro *O segundo sexo*, livro I e II, amplia os estudos referentes às teorias feministas que abrangem discussão de gênero, submissão, construção e concepção de ser mulher, entre outros.

Do mesmo modo, a perspectiva feminista opõe-se ao entendimento, implicitamente difundido na sociedade, de que a mulher está em uma posição ínfima em relação ao homem. Assim, o propósito desse movimento busca eliminar o tratamento de inferioridade dado às mulheres englobando “[...] desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função etc.” (ZOLIN, 2009, p. 220).

Uma visão geral que, também, se pode ter é que a crítica feminista extingue as estruturas e as ideologias patriarcais que tendem a dominar, oprimir e condicionar a mulher a exercer papéis subalternos situados apenas no ambiente familiar, como tarefas domésticas, função de mãe e esposa. (SILVA, 2016). Essa concepção faz com que haja uma

[...] transformação da condição de subjugada da mulher. Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados da tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. (ZOLIN, 2009, p. 218).

A voz de muitas mulheres tem sido ouvida por causa de movimentos como o feminismo que tem tentado deixar de lado os papéis e representações

preestabelecidas há muito tempo na sociedade sobre as mulheres, como o domínio patriarcal, a subalternização, a inferioridade, a submissão, a desigualdade de *status*, misoginia etc. Por isso, entende-se que “[...] a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta.” (ZOLIN, 2009, p. 218).

Em vista disso, depreende-se que

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (ADICHIE, 2015, 42–43, grifo da autora).

O feminismo possui várias ramificações, mas tem um único propósito: a busca por igualdade de gêneros, a partir de uma perspectiva que visa quebrar os paradigmas preestabelecidos: desvantagens, submissão e o afastamento da mulher na sociedade. (MÜLLER, 2017). Dessas ramificações, surgiram novos termos, entre eles o feminismo negro, que tem uma particularidade diferente com relação ao olhar que é dado às mulheres que pertencem a esse movimento.

O feminismo negro volta-se, exclusivamente, à situação da mulher de cor, negra e o lugar em que ela vive. Esse movimento visa combater o preconceito, o racismo e a exclusão da mulher negra em várias esferas da sociedade e até dentro do próprio “[...] movimento feminista por não representar os anseios e as lutas das mulheres negras. Para essa corrente, preconceitos de gênero e cor estariam interligados e não poderiam ser combatidos separadamente”. (MÜLLER, 2017, p. 69).

Pode-se salientar que

Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a brancura presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para mulheres brancas e negras. (COLLINS, 2017, p. 7).

Correlacionado a isso, há outros segmentos muito importantes que seguem o mesmo conceito do feminismo negro: o *Womanism* e o *Africana Womanism*,² que estão em defesa dos fatores sociais referentes às mulheres de origem/descendência africana. Assim como o feminismo negro, as duas correntes em questão são, exclusivamente, utilizadas

[...]na especificação do feminismo para mulheres negras. [...] mais do que um movimento social, ele é [...] um movimento espiritual, comprometido com a sobrevivência e o bem-estar de todas as pessoas, independente da raça, sexo, religião, entre outros aspectos. (VERONESI, 2015, p. 12).

Já o feminismo africano foca nas concepções e princípios que se relacionam, diretamente, à mulher africana dentro do contexto da sociedade e da cultura em que ela está inserida. Tem-se o entendimento de que as mulheres africanas não buscam apenas os interesses pessoais (como no feminismo) e sim o bem coletivo de todos – de homens, mulheres e da comunidade. (TELEGA-SOARES, 2014, p. 35). Assim, o uso desse termo pode ser configurado como uma quebra de desigualdades existentes no ambiente e na cultura da mulher ocidental e da mulher africana, uma vez que no feminismo africano também se destacam “[...]a luta anticolonial e os movimentos nacionalistas, em que as mulheres se envolveram, [...]” (MARTINS, 2011, p. 122).

O feminismo africano vai contra a ideia transmitida pelo feminismo de que as mulheres africanas não são heterogêneas, rejeitando a ideia de “[...] que problemas com os quais se confrontam as mulheres e os homens africanos” se limitam apenas a “[...] a pobreza, a exploração capitalista, a falta de recursos básicos como a água, a corrupção política, etc.” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 35). Além disso, outro fator que diferencia o feminismo ocidental do feminismo africano é relativo ao pensamento que um possui sobre o outro, uma vez que

Na condenação do feminismo ocidental, a construção de uma “mulher africana” monolítica deve-se ao próprio feminismo que se auto-afixa a etiqueta de autenticamente africano, o qual exclui da categoria de mulheres africanas as heterogeneidades que colidam com a mulher negra, rural,

²O *Womanism* foi um termo cunhado pela escritora Alice Walker, também na década de 1970. Tem abrangência mais ampla que o feminismo negro e uma proposta que, além de rejeitar a visão eurocêntrica feminista, abarca os homens negros, [...]. Trata-se de uma proposta humanista de coletividade e igualdade racial, política, cultural e social. O *Africana Womanism* faz referência a todas as mulheres negras, africanas ou de ascendência africana, tanto as que vivem na África como as que estão “em diáspora”, ou seja, descendentes de africanas. (MÜLLER, 2017, p. 70-71).

pobre, ignorante e presa à tradição – incluindo à tradição mais violenta, como a mutilação sexual. (MARTINS, 2011, p. 122, grifo do autor).

Em razão disso, reconhece-se que há uma diferença na abordagem do feminismo africano com relação aos outros tipos de correntes do feminismo e também ao feminismo geral – caracterizado como feminismo ocidental. Isso

[...] se explica pela associação da noção “feminista” a uma construção ocidental, branca e de classe média, de um conceito supostamente universal de Mulher, que não tem em conta as especificidades das experiências vividas pelas mulheres africanas, e que, por isso, é denunciado como mais uma ocupação colonial. (MARTINS, 2011, p. 122, grifo do autor).

De acordo com Telega-Soares (2014), compreende-se que a origem dessa diferença está relacionada ao fato de que no final do século vinte surgiram algumas teorias que segregavam a concepção de feminismo, sendo classificadas como feminismos brancos ocidentais, feminismo afro-americanos (nos anos 1980) e feminismos africanos (nos anos 1990).

A autora alega que os conflitos entre essas terminações se deram por causa dos diferentes comportamentos e condutas das mulheres nas sociedades ocidentais e africanas, pois uma categoria não representava a outra, devido aos distintos estilos, hábitos e tratamentos dados à mulher.

Se os feminismos afro-americanos criticaram fortemente os feminismos brancos de mulheres de classe média por se esquecerem, convenientemente, da realidade e desigualdades com que as mulheres negras se deparavam, os feminismos africanos, por sua vez, lutaram e exigiram do feminismo ocidental incluir na sua análise outros aspectos muito importantes que iam para além das questões de género, tais como colonialismo, etnicidade e imperialismo. (TELEGA-SOARES, 2014, p. 32).

Vinculado a essa visão, pode-se apreender que o feminismo negro tende a cumprir um papel muito importante, no qual

[...] a crítica feminista denuncia a existência de um quadro político, epistemológico e, mais especificamente, de análise e crítica literárias, tanto do Norte como de África, cujos pilares não permitem sequer a possibilidade de muitas outras literaturas africanas, definidas, por exemplo, pelas lógicas que surgem na produção de mulheres, as quais não operam prioritariamente na resposta ao colonizador, mas segundo uma experiência que diz respeito directamente aos contextos africanos vividos, da qual sobressai uma atenção especial à diferença sexual. (MARTINS, 2011, p. 121).

Nessa linha, encontra-se uma das discussões que, juntamente com as correntes do feminismo, tem englobado esses movimentossociais que é a questão

do empoderamento feminino, firmado pelo engajamento da luta coletiva de mulheres contra os sistemas que foram preestabelecidos na sociedade. A própria Chimamanda Ngozi Adichie, autora do livro que se analisa neste trabalho, tem dois ensaios/manifestos publicados acerca do assunto: *Sejamos todos Feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas* (2017). Neles, Adichie apresenta claramente um ponto de vista que concorda com a perspectiva do feminismo (definição que já foi mencionada acima), ao declarar que uma pessoa feminista é aquela que crê na igualdade entre mulheres e homens, deixando claro que “[...] existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. (ADICHIE, 2015, p. 50). Em suas obras, mais especificamente nesses dois manifestos, há exposições que visam enfatizar o conceito do feminismo com o propósito de salientar que deve existir uma equidade em atividades práticas e sociais para os dois gêneros.

Em seus discursos, Adichie deixa claro essa ideia e se afirma, em algumas passagens dos manifestos, como uma mulher feminista, sem trazer a ideia das classificações ou correntes que o feminismo possui. Isso fica nítido quando ela faz a seguinte argumentação: “Decidi me tornar uma ‘feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens’.” (ADICHIE, 2015, p. 14, grifo da autora). Ademais, ela reforça muito do que é falado dentro do feminismo e da sororidade, tema do próximo tópico, ou seja, é necessário que haja o aniquilamento dos pensamentos de aversão ao sexo feminino.

Mulheres são tão humanas quanto os homens. A bondade feminina é tão normal quanto a maldade feminina. E existem muitas mulheres no mundo que não gostam de outras mulheres. A misoginia feminina existe e esquivar-se a reconhecê-la é criar oportunidades desnecessárias para que as antifeministas tentem desacreditar o feminismo. (ADICHIE, 2017, p. 75).

Mesmo que pareça ter dissemelhança entre os nomes feminismo e feminismo negro, constata-se que ambos se referem às mulheres, aos direitos iguais e ao reconhecimento da atuação delas em todas as esferas que permeiam a sociedade. E essa é a ideia que se assume neste trabalho, o qual apresentou até aqui uma compreensão referente às características discutidas desses temas. No próximo tópico, discutir-se-á o conceito de sororidade, tendo em vista que essa palavra será o foco principal da análise deste trabalho.

1.3 SORORIDADE – A IRMANDADE ENTRE MULHERES

Um dos principais pontos de discussão deste trabalho, e que irá ser base para a análise da relação de empatia e de companheirismo entre as personagens femininas do livro *Hibisco roxo* (2003), de Chimamanda Ngozi Adichie, se refere à sororidade.

Essa palavra vem sendo muito utilizada no século XXI, principalmente nos discursos que seguem a linha do feminismo para apresentar uma proposta de cooperação e parceria feminina. A sororidade tem como foco principal um olhar sobre as relações entre as mulheres, trazendo a ideia de que elas, juntas, são mais fortes. Nesse sentido, a sororidade pode ser classificada como “[...] a união e aliança entre as mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar um objetivo comum”. (SOUZA, 2016, p. 41).

Considera-se que a sororidade é uma forma de promover a união entre mulheres de várias raças, etnias, culturas, religiões entre outras, visto que ela “[...] assume uma dimensão ética, política e prática (estética) e dentro da qual as mulheres praticam relações que, através do apoio mútuo, buscam contribuir para a eliminação das formas de opressão patriarcal.” (BECKER; BARBOSA, 2016, p. 245).

Percebe-se que esse termo tem sido usado como palavra-chave para as questões presentes no contexto do feminismo, visando desconstruir os ideais machistas e misóginas presentes na sociedade patriarcal. Esses ideais existem, muitas vezes, porque há diferenças de tratamento que envolvem a mulher e o homem, por conta das divisões de trabalhos e tarefas estabelecidas na sociedade, o que gera uma disputa e produz um tipo de antagonismo e incompatibilidade de ideias.

Compreende-se que o feminismo rompe com os valores que nos são transmitidos de maneira implícita, que se refere ao pensamento que

[...] a sociedade patriarcal nos ensina que relações harmoniosas somente são possíveis de se concretizarem entre os homens e não entre as mulheres. Desse modo o sentido do termo *sororidade* necessita ser resgatado e formas de vivenciar este tipo de relação necessitam ser ensaiadas [...]. (BECKER, 2015, p.4).

Dentro da perspectiva feminista, a sororidade gera a união e a força para as lutas em prol de causas femininas, com a finalidade de proporcionar o bem comum a

todas. Assim, no feminismo essa expressão é utilizada como um manifesto contra a dissensão e inimizade entre mulheres, pois “[...] a própria mulher, às vezes, não ‘valoriza’ outra mulher”. (GARCIA; SOUSA, 2015, p.1003, grifo dos autores).

Essa relação de desprestígio entre as mulheres ocorre porque, muitas das vezes, esse processo já está culturalmente impregnado na sociedade devido ao sistema patriarcal, bem como algumas das ideologias ensinadas (pela Igreja, escola, família, justiça, meios de comunicação etc.) que menosprezam o papel da mulher. (BECKER; BARBOSA, 2016). Na sororidade [...] há a tentativa pelo coletivo de romper com uma forma de violência contra a mulher praticada pela própria mulher, por não ter consciência de suas relações de companheirismo com a outra. (GARCIA; SOUSA, 2015).

Logo, a sororidade também tem a intenção de estabelecer uma sociabilidade e amizade entre as mulheres que possuam ou não um vínculo afetivo, na tentativa de aniquilar as competições, desunião e a rivalidade existentes no meio feminino. Ou seja, a sororidade é uma “[...] solidariedade interfeminina praticada por mulheres para romper ou aniquilar as estratégias patriarcais.” (BONNICI, 2007, p. 83).

Por essa razão, tornam-se tão importantes alguns movimentos sociais, como o feminismo e a sororidade que trazem uma conscientização de que é preciso que haja uma aliança e harmonia no meio das mulheres. E é somente por intermédio dessa prática que se consegue transformar a falta de valorização, o descrédito e a indiferença de umas com as outras, para que, assim, ocorram as transformações sociais nas áreas onde as mulheres atuam.

Além disso, há outros processos que a solidariedade feminina (aliada ao feminismo) pode oportunizar. Penkala (2014, p. 225 *apud* SILVA 2016, p. 47) afirma que o sentido da palavra sororidade deve ser usado “[...] como um pacto político e ético de irmandade entre as mulheres que despertam práticas a fim de preservar e estimular a proteção, solidariedade e defesa entre as mulheres e, assim, enfrentar o patriarcado”.

Diante disso, muitos autores de literatura, principalmente escritoras mulheres, têm buscado discutir acerca desse tema em seus trabalhos, fazendo com que a literatura desempenhe o seu papel formador e integrador nas bases da sociedade, sendo uma forma de contribuir para dissipar a desigualdade e a rivalidade nos espaços femininos. Nesse sentido, o que se pode perceber é que

[...] a partir do momento em que as mulheres extinguem a competição entre si e assumem uma posição de empatia e solidariedade entre elas, ocorre uma quebra no padrão criado pela ordem machista, patriarcal, sexista e misógina, e assim, uma pode empoderar a outra para que a opressão e as suas imposições e amarras criadas possam ser destruídas, construindo uma nova ordem e modo de relacionamento entre as mulheres. (SILVA, 2016, p. 50).

É nessa perspectiva, manifestando-se a favor da sororidade e do feminismo, que a autora Chimamanda Ngozi Adichie está inserida, pois na maior parte de suas obras consegue-se verificar uma abordagem que retrata mulheres, com inúmeros estilos e personalidades, atuando coletivamente dentro de um mesmo espaço e de uma mesma comunidade. Essas questões poderão ser observadas no capítulo dois deste trabalho, em que se abordará a importância do espaço e da voz das escritoras mulheres na literatura africana, em especial de Adichie, autora de *Hibisco roxo*.

2 VOZES DE MULHERES AFRICANAS: A ESCRITA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

[...] Decidi parar de me desculpar por ser feminina. E quero ser respeitada por minha feminilidade. Porque eu mereço. Gosto de política e história, e adoro uma conversa boa, produtiva. Sou feminina. Sou feliz por ser feminista.

(ADICHIE, 2015, p. 41).

O ponto chave deste capítulo está relacionado com as vozes de mulheres dentro da sociedade africana. Na literatura, elas foram silenciadas durante muito tempo ao tentarem aspirar a um espaço: “[...] as mulheres africanas, enquanto escritoras, não só foram ignoradas nos trabalhos dedicados à literatura africana, mas a sua voz, quando falaram, foi silenciada.” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 50).

Além dessa discussão, far-se-á uma pequena explicação acerca do envolvimento da voz das escritoras mulheres africana. A partir disso, falar-se-á sobre a biografia de Chimamanda Ngozi Adichie, apresentando-se as características da sua escrita, da relação que as personagens femininas têm em comum e um breve resumo da história do livro *Hibisco roxo* (2003).

2.1 A FORÇA DAS VOZES DAS MULHERES AFRICANAS NA LITERATURA

Há, nos últimos anos, um significativo aumento de estudos voltados às circunstâncias e ao cenário do pós-colonialismo africano. Nesses, pode ser observado que a maioria se refere ao quadro e a situação da mulher africana dentro da sociedade, depreendendo-se, assim, há um aumento nas discussões voltadas às reflexões a respeito do espaço e da voz das mulheres que pertencem ao continente africano.

Desse modo, consegue-se analisar que a literatura tem um papel muito importante, em especial a literatura que trata das mulheres africanas, pois ela “[...] é um dos lugares onde prossegue o debate sobre os feminismos e sobre o dilema fundamental entre a busca de solidariedades transnacionais e a expressão das experiências concretas de vida das mulheres nestes contextos.” (MARTINS, 2011, p. 119).

Dentro dessa perspectiva, surgiram várias vozes de mulheres escritoras africanas que contribuíram na propagação da identidade nacional e africana, bem como trouxeram em suas literaturas mulheres que são capazes, independentes e sabem dominar a esfera pública e privada, e que não deixam de lado questões que envolvem a sua sociedade.

Vozes femininas africanas como: Flora Nwapa, Buchi Emecheta, Mariama Bâ, Tsitsi Dangarembga, Calixthe Beyala, Chimamanda Ngozi Adichie, já citadas neste trabalho, entre outras, de vários países do continente africano, trazem à literatura um tipo de escrita que

[...] constitui uma forma de não se deixar rotular e definir por outros. É uma forma de se insurgir contra a opressão e injustiça – é o dever para com outras irmãs do Terceiro Mundo e as mulheres negras. Escrita é uma forma de superar o medo e de gritar em voz alta sobre o que habita no coração.(TELEGA-SOARES, 2014, p. 47).

De acordo com Martins (2011, p. 143), a voz das autoras citadas acima está relativamente associada com a

[...] ruptura com a tipificação das figuras femininas, e a descrição de vidas de mulheres independentes, distantes dos papéis sociais tradicionais (como o da maternidade), e assertivas e bem-sucedidas, tanto no espaço público, como no espaço privado, o qual, aliás, é trazido também para primeiro plano, esbatendo ou rompendo com a dualidade público-privado indispensável ao discurso patriarcal. A relação com a tradição é invertida: de vítimas impotentes, no discurso masculino, as mulheres passam a sujeitos criativos, com capacidade de escolha e de negociação, inclusivamente no que diz respeito à sexualidade.

E é nesse espaço que se insere Chimamanda Ngozi Adichie, ao usar a sua voz como insurgência para dar espaço às personagens femininas africanas. Adichie trabalha com a questão que rejeita a opressão e o machismo dominantes, na sociedade pós-colonial, apresentando, assim, uma ficção que está consoante ao ponto de vista que diz respeito ao feminismo, como poderá ser observado neste capítulo que trata da autora e de suas características referente aos aspectos da sua escrita e das suas personagens.

2.2 VIDA E OBRA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Chimamanda Ngozi Adichie é considerada uma das mais novas porta-vozes femininas nigerianas da literatura africana, visto que seu estilo literário abarca diversas temáticas que envolvem e se comprometem em mostrar o povo negroafricano, principalmente mulheres negras, com os seus diferentes estilos de vida. Em suas obras, a autora traz “[...] diversas histórias de representação e com intentopela conscientização da urgência da busca pelo conhecimento, pelo entendimento do ‘outro’ e de outros lugares.” (ALVES; ALVES, 2012, p. 7 – grifo dos autores).

Pode-se dizer que essas constatações relacionam-se às experiências de vida da autora, pois Adichie pertence a uma família de classe média de etnia igbo na Nigéria. Ela nasceu na cidade de Enugu, no dia 15 de setembro de 1977, sendo a quinta filha do casal Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie. Viveu durante muito tempo na cidade de Nsukka, no sudeste da Nigéria, por causa do emprego de seus pais na Universidade de Nsukka. (MÜLLER, 2017).

Na página do *site* da escritora, *The Chimamanda Ngozi Adichie Website*³, constam algumas informações pessoais a respeito da sua vida. Uma delas é que seu pai trabalhava como professor de Estatística e tornou-se, mais tarde, o Vice-Reitor da Universidade de Nsukka e sua mãe trabalhava como funcionária na área administrativa do mesmo local. Um fato interessante é que a residência em que a família da escritora morou, na cidade de Nsukka, pertenceu a Chinua Achebe, um dos grandes escritores africanos de literatura da Nigéria. (ADICHIE, 2018, tradução nossa).

Ao terminar o ensino médio, Chimamanda iniciou seus estudos acadêmicos na área de Medicina e Farmácia na Universidade da Nigéria e, ainda nessa área, escreveu para a revista de estudantes de Medicina intitulada *The Compass*. Porém, não seguiu nessa área, uma vez que ela estudou somente o período de um ano e meio. Em 1996, aos dezenove anos de idade, migrou para os Estados Unidos com o intuito de continuar e concluir seus estudos universitários, pois havia ganhado uma bolsa de estudos na área de Comunicação na *Drexel University* no estado da Filadélfia – EUA. (ADICHIE, 2018, tradução nossa).

³Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

Logo em seguida, ingressou na *Eastern Connecticut State University* cursando a área da Comunicação e Ciências Políticas, mas não deixou de lado a prática da escrita, pois continuou a escrever artigos acadêmicos para o jornal da universidade. Ao finalizar a graduação, com *Summa Cum Laude*⁴, em 2001, a escritora continuou aprimorando o seu talento, aprofundando ainda mais seus estudos e desenvolveu o seu mestrado no âmbito de redação criativa na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. (TELEGA-SOARES, 2014, p. 41). Na fase final do mestrado, Chimamanda escreveu seu primeiro romance, *Hibisco roxo*, publicado em 2003 (lançado no Brasil em 2011). Logo após a publicação, o livro obteve grande destaque e foi muito homenageado entre os críticos literários, sendo até indicado ao prêmio *Orange Fiction Prize* em 2004. O livro foi premiado pelo *Commonwealth Writer's Prize* (2005) e, também, pelo *Hurston/Wright Legacy Award* como melhor livro e melhor ficção de estreia.⁵(ABOUT..., 2018, tradução nossa).

Adichie escreveu outros livros que também tiveram o mesmo grau de notoriedade e que trazem em sua essência histórias relacionadas à cultura africana, mais especificamente à nigeriana, abrangendo, por exemplos, personagens, classes sociais, religiões e etnias desse contexto. Dentre esses livros estão: *Meio sol amarelo* (2006), premiado pelo *Orange Fiction Prize* em 2007; a coletânea de doze contos, *No seu pescoço* (2009), que, também, concorreu ao *Commonwealth* de 2010; *Americanah* (2013), que recebeu a premiação do *National Book Critics Circle Award*, sendo escolhido pelo *The New York Times* como um dos dez melhores livros do ano de 2013. (CASSILHAS, 2016, p. 27-28).

De acordo com Cassilhas (2016, p. 45), Adichie utiliza em suas narrativas nomes e sobrenomes em igbo para construir suas personagens. Ela compõe mulheres que são capazes de ir contra a construção masculina de superioridade, por conta da cultura local. E, também, revela outros tipos de mulheres que assumem a função patriarcal dentro de suas famílias, pelo fato de serem independentes.

A partir das narrativas de Chimamanda Ngozi Adichie, pode-se observar as riquezas culturais e identitárias do continente africano, mais especificamente a do seu país de origem, a Nigéria. Segundo Teotônio (2013), o objetivo da autora em

⁴Com a maior das honras.

⁵ Informações disponíveis no site da autora: <<https://www.chimamanda.com/about-chimamanda/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

mostrar esse país está no ato de perpassar a diversidade cultural que há nele e, principalmente, a do continente africano.

Adichie se preocupa em representar os vários lugares de uma Nigéria constituída pela diversidade, ao caracterizar os espaços urbanos e os indivíduos escolarizados e, muitas vezes, eurocêntricos. Ao fazer isso, ela instala a modernidade nas literaturas africanas, uma modernidade que não tenta se igualar à homogeneização proposta pelos processos de modernização impostos pelo Ocidente, mas uma modernidade local, própria, marcada pelos processos decorrentes da globalização, mas que também negocia com o global a partir de suas singularidades locais, instaurando uma modernidade complexa, transcultural e problemática (TEOTÔNIO, 2013, p.63).

Os contextos que a autora cria para as suas histórias inserem-se nas áreas que discutem vários fatores, sejam eles: social, político, econômico. Na maioria das vezes, por meio das histórias das personagens, Adichie faz relatos dos acontecimentos históricos do país. Correlacionado a isso, estão os romances *Hibisco roxo* (2003) que se refere ao período do golpe militar, e *Meio sol amarelo* (2006), relacionado à guerra do Estado de Biafra.

Dessa maneira, percebe-se que em todas as obras literárias da autora há um engajamento em tratar temas que, em geral, estão relacionados com o espaço de pessoas negras, principalmente as do continente africano. Chimamanda busca discutir questões como migração, discriminação, racismo, preconceito, conflitos culturais e religiosos, busca por igualdade de gêneros e empoderamento feminino.

Relacionado a isso, a autora escreveu também dois ensaios: *Sejamos todos feministas* (2014) e *Para educar crianças feministas* (2017), que tratam sobre os diferentes papéis que mulheres e homens possuem dentro da sociedade, assim como o modo de criação e condutas de ambos. Neles, há uma visão crítica com o intuito de levar os leitores a discernir sobre o que seria o feminismo na sua concepção e, também, para que seja revisto o olhar para a questão que envolve esse tema.

Tendo em vista a importância dos assuntos que Adichie se propõe a discutir, pode-se perceber que sua literatura tem ganhado destaque, pois as suas obras já foram traduzidas em mais de trinta idiomas e possuem algumas publicações de ensaios, reportagens, críticas literárias etc. das mais conceituadas revistas como

The New Yorker, Granta, The O. Histórias Henry Prize, o Financial Times e Zoetrope.⁶(ABOUT..., 2018, tradução nossa).

Aqui no Brasil, segundo Müller (2017, p. 20),

[...] até janeiro de 2017, mais de 60 mil livros da escritora, traduzidos para o português do Brasil, todos publicados pela editora Companhia das Letras, já foram vendidos. *Hibisco roxo, Americanah e Sejamos todos feministas* (este último o livro mais vendido de Chimamanda no Brasil) estão na quinta reimpressão, e *Meio sol amarelo* está na terceira.

A autora já participou de várias palestras, entrevistas de revistas, jornais e televisão com o intuito de fazer a divulgação de suas obras e defender o seu posicionamento com relação ao feminismo - que é a igualdade de gênero - e, também, para salientar a visão do perigo de uma única história sobre o continente africano e outros mitos criados no imaginário do continente ocidental, que são propagados a respeito do povo negro. O mais conhecido manifesto a esse respeito é a palestra feita ao *Technology, Entertainment and Design*(TED)⁷, intitulada “O perigo de uma única história”, em que a autora

[...] tenta alertar para o perigo de uma única história acerca de um lugar, como foi criada a visão estereotipada que via os africanos como selvagens, além de demonstrar sua preocupação, em mostrar a diversidade cultural existente na África, através da sua ficção. (TEOTÔNIO, 2013, p. 59).

O estilo literário de Adichie está voltado às questões sociais que circundam os negros dentro da sociedade, no qual ela desconstrói estereótipos negativos em relação à cultura africana criada no imaginário de outros continentes. Assim como outros autores da literatura africana, Chimamanda valoriza e reconhece as características de seu povo, visto que em suas obras o negro é apresentado como sujeito atuante e dono de sua própria história. Essa é uma das características próprias de sua escrita, que se manifesta dentro da literatura africana como uma voz capaz de divulgar o espaço e o contexto em que muitas mulheres africanas vivenciam por meio das suas ficções. Por causa do modo da literatura e escrita, Chimamanda é considerada

⁶ Informações disponíveis no site da autora: <<https://www.chimamanda.com/about-chimamanda/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁷TED é uma organização não-governamental (ONG) iniciada em 1984 como uma primeira conferência que abrangesse pesquisadores e interessados das três áreas: Tecnologia, Entretenimento e Design. (ALVES; ALVES, 2012, p. 2-3).

[...] hoje uma das vozes do continente africano na construção da sua nova identidade e atua na tentativa de desconstrução dos estereótipos acerca de seu povo, escrevendo sobre a África em uma perspectiva transcultural, em que as diversas identidades dos sujeitos africanos são compreendidas nas relações de alteridade, nos conflitos internos marcados pela experiência da independência e pela influência externa da modernização. (ALVES; SANTOS; ALMEIDA, 2015, p. 7).

No próximo tópico se fará uma exposição acerca das características da escrita da Adichie, ao descrever as suas personagens femininas africanas, buscando verificar se há algum aspecto específico relacionado ao modo de vida e ao pensamento da autora.

2.3 O OLHAR DA AUTORA ÀS SUAS PERSONAGENS FEMININAS

Chimamanda tem uma maneira muito particular de escrever, sobretudo quando retrata as mulheres em seus livros. Ela elabora personagens femininas com características próprias, a maioria negra, que têm particularidades muito distintas das demais literaturas universais. Muitas delas fogem do estereótipo disseminado dentro da literatura ocidental que determina que todo o/a negro (a) deve ser pobre e viver na zona da miséria.

Em relação às mulheres, por exemplo, em seus romances, elas são apresentadas com diferentes graus de instrução/formação, classes, costumes, etnias, religião, voz, personalidade, coragem e autoestima. São mulheres que tentam agir autonomamente, exercendo vários papéis dentro da sociedade, desde as mais ricas até as mais pobres, e que conseguem lidar com situações adversas impostas pela vida.

Nas obras de Adichie, notam-se alguns traços ou características que estão em sintonia com algumas experiências e informações da vida da autora. O primeiro deles está presente no livro *Hibisco roxo*(2003), no qual, com base na biografia familiar de Adichie, verifica-se que há uma similaridade entre os nomes da personagem Tia Ifeoma e o nome da mãe da autora, Grace Ifeoma. Segundo Müller (2017), o nome da personagem é tido como uma homenagem à mãe, pois ela foi a primeira mulher a conquistar um cargo na Universidade de Nsukka. A aquisição desse cargo representou um sinal de esforço e valentia, pois assim como a

personagem da Tia Ifeoma, pode-se dizer que Grace Ifeoma foi uma mulher guerreira.

O romance *Meio Sol Amarelo* (2006) dá voz a várias personagens, como o professor Odenigbo, Ugwu, o inglês Richard, Tia Ifeka, dentre outros. Consegue-se, por eles conhecer a história do livro que está relacionada ao contexto da guerra do Biafra em prol da independência da Nigéria, entre 1967-1970. Mas, é por meio de Olanna e Kainene, que são as personagens principais, que se desenvolve essa trama. Elas são irmãs gêmeas que, apesar de serem iguais na aparência física, tidas como mulheres lindas e muito bem educadas, têm personalidades totalmente diferentes. Ambas pertencem a uma família de classe média e são filhas de um empresário bem sucedido na Nigéria. Kainene segue a mesma linha do pai, entrando para os negócios da família, enquanto Olanna ignora a vontade do pai, pois cursou Sociologia na Inglaterra e reside em Nsukka, com a intenção de dar aulas na universidade dessa região.

Nesse romance, consegue-se averiguar algumas características feministas da autora na abordagem da história do livro, em relação ao posicionamento das personagens e os assuntos que são tratados no decorrer da narrativa. Para Telega-Soares (2014, p. 56), essa narrativa descreve inúmeras personagens,

[...]mulheres que diariamente lutam pela independência das suas vidas, das suas famílias e do seu país. Nas posições, decisões e traços característicos destas mulheres podemos encontrar os ecos do pensamento feminista apresentado nos primeiros três capítulos deste trabalho: a luta pela dignidade, pelo direito a viver a sua vida na sua própria maneira, o amor pela família, pela pátria e pela terra.

O romance *Americanah* (2013), por sua vez, discorre a respeito de alguns fatores que estão, recorrentemente, refletidos no discurso e nas obras literárias de Chimamanda, como por exemplo, os embates culturais, sociais, étnicos, religiosos, preconceito, padrões de beleza, feminismo, diáspora, luta pela sobrevivência em um país diferente, o processo de migração, entre outros. Todos esses temas estão intrinsecamente ligados à história da jovem protagonista Ifemelu que saiu do seu país de origem, a Nigéria, mais especificamente da cidade de Lagos, para estudar em uma faculdade nos Estados Unidos. (ALVES; SANTOS; ALMEIDA, 2015).

Uma das características mais evidentes que essa personagem apresenta é a valorização da sua negritude, da beleza, da autoestima e do cabelo no estilo afro ou crespo. Ifemelu é uma mulher que tem uma opinião crítica e expõe em seu

blog pessoal algumas reflexões sobre o espaço e o papel de atuação da mulher negra dentro da sociedade americana que, na maioria das vezes, é apagado. O discurso da protagonista cativa muitas mulheres que, assim como ela, são negras e acabam se identificando com os seus argumentos sobre temas contemporâneos. (CASSILHAS, 2016).

Além disso, outros assuntos também são debatidos no *blog* de Ifemelu, tais como os modelos estéticos de beleza existentes nos Estados Unidos, o racismo e a xenofobia, que é vista de maneira implícita. Nesse caso, percebe-se que

A experiência de Ifemelu, a princípio, pode parecer estritamente pessoal, mas Adichie constrói a condição feminina da personagem como fruto de tensões sociais reveladas em sua luta diária contra o preconceito. Através das postagens em seu blog, Ifemelu denuncia essas tensões sociais transindividuais que afetam, na contemporaneidade, o negro nos EUA, nativo ou imigrante, e de modo especial, a mulher diaspórica, mas expõe também que a voz da mulher na sociedade tecnologicamente avançada não tem tanta força quanto querem fazer parecer. (ALVES; SANTOS; ALMEIDA, 2015, p. 6).

De acordo com Müller (2017), as atitudes e o posicionamento da personagem Ifemelu - em querer lidar com assuntos que envolvem todos os quesitos que, de um modo geral, abrangem as mulheres - estão em harmonia com o pensamento e a postura de Chimamanda, pois ela alega que

Ifemelu é a personagem feminista por excelência. Sua atitude decidida, sua independência, sua recusa a se recolher e se submeter a um homem ou a uma regra social e, até mesmo, seus relacionamentos amorosos – nos quais é ela quem decide se vai ou não se entregar, se vai se envolver apenas fisicamente ou também sentimentalmente com o homem e continuar a relação –, estão em sintonia com cada um dos aspectos dos discursos da escritora, sobretudo com *Sejamos todos feministas*. (MÜLLER, 2017, p. 31).

E em relação ao feminismo, importante destacar uma fala da autora, em *Sejamos todos feministas*, quando relata que passou a assumir a causa a partir de uma conversa com um amigo, principalmente, quando descobriu a definição dessa palavra, dizendo que

[...] Ele tinha razão, anos atrás, ao me chamar de feminista. Eu sou feminista. Naquele dia, quando cheguei em casa e procurei a palavra no dicionário, foi este o significado que encontrei: "Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos". (ADICHIE, 2015, p. 49).

Com relação a esse ponto, consegue-se perceber que a história da personagem Ifemelu está, relativamente, próxima às concepções que Chimamanda possui, visto que ambas defendem o feminismo a fim de quebrar alguns dogmas preestabelecidos na sociedade e garantir direitos iguais às mulheres e aos homens. Essa perspectiva é muito bem expressa no modo de vida e nas atitudes da protagonista de *Americanah*.

Outro elemento que parece concordar com a vida de Adichie se refere ao fato de que ela, sendo natural da Nigéria, também migrou para os Estados Unidos para estudar, assim como Ifemelu. E que, apesar do título do livro estar relacionado com um nome que é dado aos nigerianos que saem de seu país de origem e passam a viver nos Estados Unidos, Chimamanda disse, em uma entrevista ao jornalista Jorge Pontual, que não se considera “americanah”, porque não ficou tanto tempo fora do país quanto a personagem Ifemelu. (PONTUAL, 2018).

Por fim, é importante dizer que mesmo que pareça haver uma sintonia de alguns acontecimentos entre a vida da autora e das suas personagens não se pode dizer que são autobiográficos, mas sim que “[...] as experiências da escritora são apenas o ponto de partida para o romance” (MÜLLER, 2017, p. 31).

2.4 HIBISCO: DO VERMELHO AO ROXO

O romance *Purple hibiscus*, objeto de análise deste trabalho, foi o de estreia de Chimamanda Ngozi Adichie, no ano de 2003. Foi lançado nos Estados Unidos e traduzido para mais de trinta idiomas. Com o título *Hibisco roxo* em português, traduzido por Júlia Romeu, a edição escolhida para análise possui 328 páginas e foi publicada em 2011, no Brasil, pela editora Companhia das Letras e já está na nona reimpressão.

O título do livro refere-se às flores de hibisco que se fazem presentes nas áreas de clima tropical que, em geral, são vermelhas. Nessa história, uma das personagens tem um pé de hibisco raro, na cor roxa, por causa dos experimentos realizados pela sua colega da faculdade da área da botânica. Se comparado à vida das personagens, os hibiscos vermelhos, por serem abundantes e corriqueiros nas regiões de Enugu, podem representar um sinal de costume e repressão. Já os roxos,

por serem exóticos e singulares, podem ser sinônimos do diferente e do novo, representando a liberdade.

[...] as flores vermelhas sempre são mencionadas em situações de opressão: próximas a agentes federais do governo em busca de suborno, na decoração do altar da igreja, e na presença de Eugene. Já o hibisco roxo é uma flor híbrida, resultado de um experimento, e é relacionado à ideia de novidade, de liberdade, de mudança. (MÜLLER, 2017, p. 34).

A história do livro é narrada pela própria protagonista Kambili, que é uma adolescente de quinze anos. A partir da visão dela, consegue-se assimilar todo o desenrolar da narrativa. Ela é de uma família tradicional de classe média bem-sucedida que pertence à etnia igbo, mas que é praticante do catolicismo. Eles vivem na cidade de Enugu, capital do Estado de Enugu, e parecem ter, diante dos olhos dos que estão de fora da casa, uma vida perfeita.

A vida cotidiana da família está relacionada às condutas enérgicas e repressoras do pai de Kambili, Eugene, pois ele é um homem agressivo e autoritário e que tenta fazer com que a prática religiosa seja um refúgio para moldar a família de acordo com as suas convicções. Ele também impõe que sua esposa e seus filhos falem somente em inglês quando estão em público, porque acha que é socialmente correto e aceitável diante da sociedade. Rejeita, também, o uso da língua local Igbo em público, usando-a apenas em sua casa, principalmente, quando reprime os membros da família.

Essas atitudes de Eugene referem-se a uma visão colonizadora a que foi submetido, pois se converteu ao catolicismo, quando era jovem, e passou a considerar a religião como um meio de se tornar uma pessoa “civilizada”. Após a mudança de valores por intermédio da colonização inglesa, Eugene estudou na escola católica e, a partir daí, passou a conquistar riquezas e adquirir bens materiais, conseguindo abrir várias fábricas de biscoitos, sucos entre outros produtos. Possui, ainda, uma coluna de jornal chamada *Standard*, que traz um ponto de vista crítico relacionado ao governo, principalmente, durante o período de golpe militar no país.

Assim, tudo o que Eugene possuía era visto por ele como uma dádiva divina, pois foi por causa do seu esforço e da dedicação à religião e à igreja que conseguiu ser um homem próspero. E por causa disso, era um homem muito generoso, pois contribuía financeiramente para várias instituições como igrejas, hospitais, escola e, também, para a população. E era com esse discurso, de ser abençoado, por possuir

muitos bens, que exigia que seus filhos, Jaja e Kambili, tivessem um comportamento exemplar, tendo regras para tudo o que iriam fazer, desde o tempo de estudar até ficar com a família em casa, tudo determinado pelo próprio pai.

Por estudar em escolar católica particular, ter motorista à disposição para levá-los a qualquer lugar e desfrutar de uma vida confortável, Eugene dizia a seus filhos que eram abençoados por possuírem o que ele nunca teve e que, por esse motivo, precisavam se dedicar o máximo possível para serem os melhores em tudo, para retribuir a graça dada por Deus. Teriam que tirar notas máximas e sempre ficar em primeiro lugar todos os anos no *ranking* da turma e quando isso não acontecia, os castigos eram pesados, desde pressões psicológicas até agressões físicas.

Esse fato não está relacionado apenas aos filhos, mas também à sua esposa, Beatrice. Assim como Kambili e Jaja, que tinham privilégios de ter obtido as bênçãos do céu, ela tem uma vida de contradição entre o luxo e a opressão, pois é dona de bens materiais mas não tem autonomia dentro da sua própria casa. É uma mulher que vive para servir as vontades do marido. As ações de Beatrice se resumem apenas em cuidar das tarefas do lar, com o auxílio de uma empregada, dos compromissos da igreja, dos filhos e dos interesses do marido. Quando o contraria ou não faz o que ele manda, acaba sofrendo punição e sendo agredida.

Por conta disso, não consegue ter seu terceiro filho, que planeja há anos, mas sempre é interrompida em consequência dos abortos que tem. O que está por trás desses, e nem os filhos e nem a comunidade sabe, é que a maioria das vezes eles não foram acidentais e sim consequências das agressões de Eugene.

- Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, *nne*? Seu pai quebrou-a na minha barriga - disse, como se estivesse falando de outra pessoa, como se a mesa não fosse feita de madeira pesada. - Meu sangue escorreu todo por aquele chão antes mesmo de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pôde fazer nada para salvá-lo. (ADICHIE, 2011, p. 262).

Como a comunidade local pressiona Eugene a ter outra mulher e mais filhos, e ele não atende aos pedidos e continua casado com Beatrice, ela enxerga essa atitude dele como uma ação de benevolência e, assim, o perdoa e continua o seu casamento por que ele não a rejeitou.

Os membros da nossa *umunna* até mandaram pessoas para falar com seu pai e insistir que ele tivesse filhos com outra mulher. [...]. Elas poderiam ter parido muitos filhos, tomado conta da nossa casa e nos expulsado, como a

segunda esposa do senhor Ezendu fez. Mas seu pai ficou comigo, ficou conosco. (ADICHIE, 2011, p. 26).

O universo de Kambili é totalmente limitado e cheio de restrições, pois ela tem vários recursos dentro de casa, porém não tem autorização para usufruí-los e, muito menos, consegue conversar abertamente com seu irmão. O diálogo que Kambili e Jaja possuem, dentro e fora de casa, é por meio de olhares, porque ambos ficam enclausurados cada um dentro de seus quartos estudando. Nem mesmo nos momentos da hora em família ocorre diálogo. O espaço que a família divide restringe-se apenas em jogar xadrez, ler jornais, a Bíblia e rezar. Por esse e muitos outros motivos é que as personagens não possuem uma identidade construída.

No entanto, a personalidade, os desejos e as vontades de Kambili e seu irmão Jaja são reprimidos até a ida a Nsuka. Depois de viajar para esse lugar é que eles descobrem o verdadeiro sentido de uma vida fora de regras, autônoma. Um desses motivos refere-se à flor do hibisco roxo, que trazia o significado de liberdade e libertação – apresentada por tia Ifeoma em seu jardim.

- Isso é um hibisco, não é, tia? - perguntou Jaja, olhando uma planta que havia perto da cerca de arame farpado. - Não sabia que existiam hibiscos roxos. Tia Ifeoma riu e tocou a flor, que era de um tom púrpura tão fechado que chegava quase a ser azul. - Todo mundo tem essa reação quando vê essas flores pela primeira vez. Minha amiga Phillipa é professora de botânica. Ela fez alguns experimentos na época em que morava aqui. [...] Jaja foi para perto de tia Ifeoma, enquanto nós ficamos parados, observando os dois. - O maka, tão lindo – disse Jaja. (ADICHIE, 2011, p. 138).

Percebe-se que, depois que a flor foi plantada na residência da família Achike, houve um amadurecimento, uma mudança no comportamento e uma consolidação na identidade da protagonista, que começa a pensar, agir de maneira diferente e a enxergar novas formas de interpretar a vida.

Nsukka começou tudo; o jardimzinho de tia Ifeoma perto da varanda de seu apartamento em Nsukka começou a romper o silêncio. A rebeldia de Jaja era como os hibiscos roxos experimentais de tia Ifeoma: rara, com o cheiro suave da liberdade, uma liberdade diferente daquela que a multidão, brandindo folhas verdes, [...]. Liberdade para ser, para fazer. (ADICHIE, 2011, p. 22).

Assim, pode-se analisar que ocorre uma transformação tanto no cultivo dos hibiscos, que passam de vermelho para o roxo, quanto na vida das personagens que adquire essa flor, pois elas assumem uma postura de independência, mudando a forma de ser.

Após a volta da casa de tia Ifeoma tudo muda. Jaja quebra os princípios estabelecidos dentro da religião que são, fortemente, impostos pelo seu pai, quando deixa de tomar a hóstia. Logo, as regras da família são quebradas. E aquilo que era um modelo ideal de família vai se desmoronando. Pouco a pouco, vai aparecendo em Eugene “[...] pequenas espinhas, com pus branco na ponta” e que “cobriam seu rosto todo, incluindo as pálpebras” (ADICHIE, 2011, p. 266). Esses efeitos são causados— sem ele saber — pela sua esposa, que começa a envenenar os chás do próprio marido, a fim de pôr um basta na vida sofrida e opressora que viviam.

Quando ele morre, é Jaja quem assume a culpa, a fim de poupar a sua mãe do sofrimento. A identidade formada de Jaja faz com que ele faça pela sua mãe o mesmo que os seus primos homens faziam pela sua tia Ifeoma, com a ação de proteger e de ser o homem da casa. Essa noção de cuidado está presente nas situações de convivência feminina das mulheres do romance, que colocam em prática os laços de amizade e irmandade para, assim, fazer acontecer a sororidade — o que será observado no próximo capítulo, da análise propriamente dita.

3 PARA ALÉM DA AMIZADE: MULHERES EM BUSCA DA SORORIDADE

Quando nos identificamos com a vivência de outra mulher ou nos colocamos no lugar dela, a mágica da sororidade acontece.

(SOUZA, 2016, p. 75)

Este capítulo tem o propósito de trazer um olhar sobre as relações de sororidade entre as personagens femininas de *Hibisco roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, buscando revelar em que momento essa prática acontece dentro da narrativa. Além disso, buscar-se-á perceber como ocorre o auxílio mútuo entre elas relacionado aos fatores ligados à falta de estrutura e dependência financeira, reconhecimento do vínculo afetivo, respeito, desabafo, entre outros que serão apresentados no decorrer desta análise.

Logo no primeiro tópico, procurar-se-á fazer uma descrição do caráter individual de cada personagem para, em um segundo momento, mostrar o modo como as mulheres do romance se tratam, evidenciando-se a questão do feminismo e da sororidade.

3.1 IDENTIDADES FEMININAS EM HIBISCO ROXO

O principal foco da narrativa do livro está direcionado às histórias sobre as personagens femininas. São mulheres guerreiras que se posicionam contra as formas de opressões existentes relacionadas ao sistema patriarcal, institucional, financeiro, entre outros, dentro da sociedade em que vivem. Kambili, Beatrice, Tia Ifeoma e Amaka são personagens distintas que são apagadas pela submissão por causa da figura masculinista que domina a comunidade local. As mulheres desse enredo possuem realidades totalmente opostas e têm, em suas mãos, trunfos para driblar as más circunstâncias que as rodeiam.

[...] a autora apresenta sua crítica à questão de gênero através das personagens: mulheres que, colocadas em situações de opressão sexista e patriarcal em diferentes contextos, apresentam sempre uma postura de resistência e fazem da sua voz e da sua atitude uma forma de questionamento do *status quo* e de empoderamento feminino. (MÜLLER, 2017, p. 16).

De um modo geral, essas personagens têm personalidades, papéis diferentes dentro da sociedade, por mais que, no primeiro momento, essa ação não fique claramente expressa. Elas não se rendem às realidades a que estão/são condicionadas. Combatem e lutam, direta ou indiretamente, cada uma com o seu propósito, em busca de uma vida melhor e à procura da felicidade.

Em um primeiro momento, pode ser visto que há uma contraposição entre as personagens Kambili *versus* Amaka; Beatrice *versus* Tia Ifeoma, pois apresentam condutas diferentes ao se portar diante da sociedade nigeriana, no entanto, todas têm em comum o propósito de ter uma vida mais feliz e digna.

Em relação à Kambili, pode-se perceber que ela, inicialmente, está em processo de formação da sua identidade. É uma adolescente ingênua que, para se sentir bem, precisa da aceitação do pai. Ao mesmo tempo que tem medo da figura masculina paterna, acaba admirando-o e enaltecendo-o constantemente, pois ele é um homem de prestígio e posses dentro da sociedade nigeriana, conhecido como *omelora* – “Aquele Que Faz pela Comunidade” (ADICHIE, 2011, p. 63). Essa devoção que Kambili tem em relação ao pai torna-a cega a ponto de reprimir-se, em todo o momento, a fim de ele fique satisfeito com as suas ações. “Eu queria falar com Papa, ouvir sua voz, dizer a ele o que eu tinha comido e sobre o que rezar para que ele aprovasse, para que descesse um sorriso tão largo que ficaria com ruguinhas nos cantos dos olhos.” (ADICHIE, 2011, p. 283).

Diferente das outras personagens da história, a protagonista é a única que revela uma fusão de sentimentos extremos com relação ao seu genitor, que vai desde o amor ao amedrontamento. Antes da ida a Nsukka, a personagem não confronta e, muito menos, questiona os valores e ensinamentos determinados por Eugene. Kambili vive na expectativa de ser reconhecida pelo líder da casa. Assim, apenas aceita os princípios que lhes são impostos e deixa que o seu modo de pensar seja guiado pelas ideologias, princípios e doutrinas que lhes foram ensinados pelo próprio pai.

Kambili passa por um processo de renascimento, luta para ressignificar sua existência e construir suas identidades. Essa construção é tímida, mas significativa. É arquitetada ao longo da narrativa através de experiências com os meios externos, mais especificamente, por meio das relações estabelecidas com o avô, os moradores da casa da tia Ifeoma e o padre Amadi. A identidade da protagonista de Hibisco roxo emana de uma alteridade. (OLIVEIRA, 2013, p. 3).

De uma forma diferente, mas sob as mesmas condições, encontra-se a personagem Beatrice. Dona de um lar exuberante, com comidas e roupa à vontade e uma vida confortável, não tem, no entanto, voz ativa dentro do lar e é vítima das agressões de Eugene, que não gosta de ser contrariado. “[...] Beatrice é-nos apresentada como uma mulher submissa, ameaçada pelo seu marido, que permanece muda e profere poucas palavras ao longo das páginas da obra.” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 53).

- Deixe-me esperar no carro, *biko* - disse Mama, encostando-se na Mercedes. - Sinto que há vômito me subindo à garganta. [...]. Papa se virou para encará-la. - Tem certeza de que quer ficar no carro? - perguntou Papa. Mama estava olhando para baixo; ela pousara as mãos sobre a barriga, para impedir que o nó de sua canga se desfizesse ou para impedir que o pão e o chá que tomara no café saíssem pela boca. - Meu corpo não está bem - murmurou ela. - Eu perguntei se você tem certeza de que quer ficar no carro. Mama olhou para ele. - Não, eu vou com vocês. Não está tão ruim assim. (ADICHIE, 2011, p. 36).

Ao contrário de sua filha, que tem uma espécie de admiração pelo seu pai, em nenhum momento da narrativa se identifica em Beatrice uma admiração pelo esposo. Ela apenas o respeita e submete às suas agressões por conta do medo de ser uma mulher separada e sem marido dentro da comunidade. Verifica-se que há um receio nas atitudes dela, pois

[...] em muitos casamentos, as mulheres sacrificam mais, em detrimento delas mesmas, pois têm de manter constantemente uma troca desigual? Uma das consequências desse desequilíbrio é o fenômeno muito sórdido e frequente de duas mulheres brigando publicamente por causa de um homem, que fica quieto, só observando. (ADICHIE, 2017, p. 40 - 41).

Esse dilema em que Beatrice se encontra, e que acontece por conta da cultura local, é apoiado pela *umunna*⁸. Em virtude disso e, também, pelo fato de ela não ter mais filhos, ela acaba vivendo de aparências, à sombra dessa angústia.

É esta gratidão, em conjunto com a dependência econômica, e o esforço de implementar as normas culturais onde a mulher sem marido é uma cidadã de segunda classe, que fazem com que Beatrice permaneça em silêncio e nunca questione a autoridade do marido. Não a questione mesmo quando Eugene maltrata os seus próprios filhos inventando torturas mais repugnantes por cada pequena “subversão” feita no dia-a-dia. (TELEGA-SOARES, 2014, p. 54).

⁸ Extensão do grupo familiar dos parentes paternos.

Beatrice não reconhece que a “esterilidade” não é sua culpa, mas sim dos terríveis ataques de agressão do seu companheiro, pois esse era o principal motivo que a impediu de prosseguir com as outras gestações que teve após o nascimento de Kambili.

Nota-se uma “cegueira” em comum entre personagens, mãe e filha: Beatrice e Kambili. A primeira não reconhece os traços agressivos do marido. Até certa altura do romance, ela não abre os olhos para enxergar que, por mais que ele não a rejeite ou a desempare, ela está subordinada à violência doméstica. Já em Kambili, a cegueira ocorre de maneira diferente do que a de sua mãe. Ela faz de seu pai um homem “ideal”, quase que perfeito, em virtude de ele ser bem-sucedido, filantropo, politicamente correto, religioso fervoroso e, também, porque está sempre disposto a realizar causas nobres em prol da comunidade.

A narradora, mesmo castigada pelo pai, não demonstra em sua fala rancor, nem mesmo repulsa. Kambili vê o pai como herói, mesmo sendo, muitas vezes, um vilão. O jogo narrativo conduz o leitor a ter uma visão ruim de Eugene, embora a narradora, tentando justificar os atos do pai ou mesmo humanizá-lo, reforça, na narrativa, a ideia de Eugene como produto de uma sociedade (TEOTÔNIO, 2013, p. 79).

Até a estadia na casa da Tia Ifeoma, do contato com os primos, principalmente com a sua prima Amaka e com Padre Amandi, Kambili demora a perceber a real personalidade de seu pai. Ela venera Eugene porque sabe que precisa do seu reconhecimento, pela condição de ser mulher, devido aos traços machistas da sociedade.

Assim como a personagem Kambili, Amaka, em um primeiro momento, também superestima o seu tio Eugene, por conta da sua posição social: “- Achei que o Igwe só ficavaem seu palácio e recebia visitas.Não sabia que ele ia até a casados outros - disse Amaka quandoestávamos descendo as escadas.- Deve ser porque seu pai éum Homem-Grande.”(ADICHIE, 2011, p. 102).No entanto, diferente de sua prima, Amaka é uma adolescente livre, que tem opinião formada e uma forte personalidade.Fala alto, consegue se expressar espontaneamente, ouve músicas da moda e é vaidosa: “Amaka usava o mesmo batom vermelho vivo da mãe;ela fez seus dentesparecer mais brancos quando elatorriu e disse: "Feliz Natal".” (ADICHIE, 2011, p. 98). É também uma adolescente que questiona valores, religião e até os ensinamentos feitos pelo padre Amandi, não aceitando qualquer situação que lhe é imposta: “[...] seus olhos eram diferentes; não tinham a ternura incondicional dos

olhos de tia lfeoma. Eram olhos interrogativos, que faziam muitas perguntas e não aceitavam muitas respostas.” (ADICHIE, 2011, p. 86).

Logo no início da estadia de Kambili em sua casa, Amaka menospreza a adolescente por causa do seu jeito de ser, demorando a perceber que a sua prima é retraída e não uma riquinha metida. Sómuda a sua visão sobre o modo de ser de Kambili depois que esta fica internada devido ao castigo rigoroso de seu pai: "- Foi o tio Eugene que fez isso com você, okwia? - perguntou ela. – [...] Foi tia lfeoma quem lhe contou? - perguntei. - Não, mas eu adivinhei. - Foi. Foi ele - disse eu, indo para o banheiro, sem me virar para ver a reação de Amaka.” (ADICHIE, 2011, p. 232). Depois desse momento, Amaka se solidariza com prima e se torna mais compreensiva e amiga.

[...] Amaka não me olhara com ressentimento nem desprezo, nem virara os cantos da boca para baixo. Fiquei agradecida quando ela me chamou pouco tempo depois para pedir que eu a ajudasse a cortar o *ugu* para a sopa. Não só cortei o *ugu* como também fiz o garri. Sem os olhos de Amaka fixos em mim, me examinando, não derramei água quente demais na mistura, e o garri ficou firme e macio. (ADICHIE, 2011, p. 278).

Em relação à personagem lfeoma, que é tia da protagonista, pode-se dizer que é uma mulher que tem características bem destoantes daquilo que a sociedade espera de uma senhora viúva e que tem três filhos. Ela é batalhadora e tenta vencer as dificuldades financeiras e a criação de seus três filhos sem ajuda de um homem.

lfeoma questiona os padrões sociais e culturais da sociedade nigeriana, e não tem medo de discordar, enfrentar e mostrar o seu ponto de vista sobre casamento, religião, e mesmo sobre a situação política do país. [...] lfeoma almeja ascensão profissional e financeira, mas quer conseguir por seus próprios méritos e não por um casamento. Ela critica o governo e se mostra consciente e ativa no questionamento à situação política de seu país. (MÜLLER, 2017, p. 26-27).

Por ser dona de uma risada bem alta, alegre e ter um jeito livre de falar e de se comportar, não deixa transparecer, em seu aspecto físico ou em palavras, as adversidades que enfrenta.

- Só tem água aqui de manhã, o *di egwu*. Por isso a gente não dá a descarga quando urina, só quando tem mesmo alguma coisa para mandar embora pela privada. Ou às vezes, quando ficamos sem água por alguns dias, a gente só vai fechando a tampa até todo mundo usar e depois dá a descarga com o balde. Isso economiza água - explicou tia lfeoma com um sorriso triste. (ADICHIE, 2011, p. 131-132).

Tia Ifeoma é uma mulher que não tem medo de enfrentar a comunidade local, e muito menos os familiares de seu falecido marido por ser uma mulher viúva que educa os seus filhos. Ela bate de frente inclusive com seu poderoso irmão, Eugene, para defender, por exemplo, os direitos de seu pai.

Tia Ifeoma se levantou e começou a gritar. Sua voz estava trêmula. - Eu prefiro vender o túmulo do meu marido morto, Eugene, a fazer um enterro católico para o nosso pai! Ouviu bem? Eu disse que prefiro vender o túmulo de Ifediora! O nosso pai era católico? Estou lhe perguntando, Eugene, ele era católico? *Uchu gba gi!*. (ADICHIE, 2011, p. 201).

Importante destacar que, apesar de Ifeoma, Amaka, Beatrice e Kambili possuírem diferentes posturas e comportamentos no decorrer da trama, há uma relação de respeito e de reciprocidade entre elas, o que gera união e companheirismo, como se verá no próximo tópico.

3.2 AS MULHERES FEMINISTAS EM *HIBISCO ROXO*

No livro, há personagens que possuem características feministas pelo seu modo de agir, tratar e de reivindicar os direitos na sociedade. Ifeoma e Amaka, por exemplo, se destacam na narrativa como mulheres que possuem uma postura feminista, pois elas não têm medo de falar o que pensam. Por isso, acabam se tornando originais por não seguirem o modelo feminino existente. Ambas são livres e vivem sem depender de um homem em muitas áreas, principalmente, na financeira e na sentimental. Elas conseguem, de certo modo, romper com o que a própria autora alerta no seu manifesto *Para educar crianças feministas*: “Os estereótipos de gênero são tão profundamente inculcados em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. É muito difícil desaprendê-los” (ADICHIE, 2017, p. 28).

Tia Ifeoma possui um papel muito importante dentro da sua comunidade local, pois “[...] é uma professora universitária, viúva, que cria sozinha seus três filhos, Amaka, Obiora e Chima, em meio a dificuldades financeiras, na cidade de Nsukka.” (MÜLLER, 2017, p. 26). Essa personagem, assim como muitas outras, traz uma característica que está em concordância com o posicionamento de Chimamanda

Ngozi Adichie quando ela fala sobre o direito de escolha, autonomia e emancipação que a mulher tem ao optar se casar, estudar e atuar em várias áreas da sociedade.

Condicionamos as meninas a aspirarem ao matrimônio e não fazemos o mesmo com os meninos; assim, de partida, já há um desequilíbrio tremendo. As meninas vão crescer e se tornar mulheres preocupadas com casamento. Os meninos vão crescer e se tornar homens que não são preocupados com o casamento. (ADICHIE, 2017, p. 40).

Percebe-se em Ifeoma uma postura feminista, pois “[...] almeja ascensão profissional e financeira, mas quer conseguir por seus próprios méritos e não por um casamento. Ela critica o governo e se mostra consciente e ativa no questionamento à situação política de seu país.” (MÜLLER, 2017, p. 27). Ela não se cala perante o regime ditatorial, por exemplo, sendo, inclusive, acusada de incitar protestos juntamente com os alunos. E também não se abala quando, por causa disso, sofre ameaças:

[...] o homem com as marcas tribais disse a tia Ifeoma, apontando um dedo gorducho com uma unha curvada para seu rosto: - Cuidado, muito cuidado. [...]. Tia Ifeoma sorriu; o movimento de seus lábios não iluminou seu rosto. - Por que a estão acusando de encorajar os protestos, tia? - perguntou Jaja. - É tudo mentira. Eles querem me assustar. Desde quando os alunos precisaram de alguém para lhes dizer quando protestar? (ADICHIE, 2011, p. 244).

Por essa e outras situações expressas no livro, Ifeoma pode ser considerada uma mulher guerreira, pois luta dia a dia por uma vida melhor para a sua família: “[...] revela-se o espírito indomável e solidário da Tia Ifeoma com as mulheres. É este sentido de valor humano enquanto mulheres, solteiras ou não, que a Tia Ifeoma defende e tenta transmitir às suas alunas na universidade.” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 55).

Amaka, por sua vez, conduz-se da mesma forma que a mãe, de maneira ousada e demonstrando confiança ao expressar as suas opiniões. Com uma firme postura de autonomia, ela valoriza as tradições e a cultura local ao ouvir músicas igbos. (MÜLLER, 2017).

Amaka colocou uma fita para tocar, mexendo a cabeça no ritmo polifônico dos tambores. - Eu quase só ouço músicos nativos. Eles são socialmente conscientes; têm algo real a dizer. Fela, Osadebe e Onyeka são os meus preferidos. (ADICHIE, 2011, p. 128).

Para Amaka é fácil expressar o que pensa e se colocar no lugar das outras mulheres, pois possui uma identidade formada. Assim como Ifeoma, ela tem atitudes feministas, pois não segue os moldes preestabelecidos da sociedade. Ambas são mulheres que se solidarizam às outras e que tem atitudes de irmãs. Por meio das ações delas é que se poderá identificar, no próximo item, como uma conduta feminista influencia positivamente na sororidade.

3.3 SORORIDADE: UMA RELAÇÃO DE CUIDADO

No capítulo 1.3, *Sororidade – a irmandade entre mulheres*, pôde-se conhecer a respeito da compreensão do que significa a palavra sororidade, a qual, em seu sentido, se faz presente em algumas das passagens do romance *Hibisco roxo* (2003), principalmente nas relações das personagens femininas. Neste tópico, tentar-se-á mostrar em que momentos ela surge, tanto no âmbito familiar quanto no meio de desconhecidos.

Adichie, apesar de não utilizar a palavra sororidade, emprega sinônimos que possuem o mesmo sentido, tais como a solidariedade, que é bastante empregada na maior parte de seus trabalhos. Além desse termo, que denota um companheirismo entre as mulheres, percebe-se que a autora utiliza palavras como amiga, colega, vizinha, senhora para se referir ao tratamento de umas com as outras, além de fazer uso das palavras irmã e minha esposa, a fim de expressar que há uma relação de amizade entre as mulheres da comunidade – tendo elas vínculos familiares ou não.

Segundo Cassilhas (2016, p. 41), Chimamanda coloca a palavra solidariedade na voz das personagens para demonstrar que há uma ligação de amizade e companheirismo entre elas, como, por exemplo, numa conversa entre Beatrice e Ifeoma: “Mama fez um muxoxo de solidariedade. [...] “- Ah! - exclamou Mama, balançando a cabeça em solidariedade.” (ADICHIE, 2011, p. 82-84). Pode-se dizer que, como afirma Cassilhas (2016, p. 41), “[...] a sororidade é um destaque na narrativa, sendo fundamental na relação entre quatro das principais personagens femininas da trama.”.

Há uma parceria na forma com que Beatrice e Ifeoma se tratam, pois elas se chamam de minha esposa, numa relação de afeição e respeito, devido à tradição

local. Esse fato nos é revelado por meio das palavras da protagonista como algo novo e diferente.

Na primeira vez que ouvi tia lfeoma chamar Mama de “*nwunye m*”, há anos, fiquei chocada, por ser uma mulher chamando a outra de “minha esposa”. Quando comentei isso com Papa, ele me explicou que era o vestígio de uma tradição pagã, a ideia de que era a família toda, e não apenas o homem, que se casava. (ADICHIE, 2011, p. 81).

Em conversa com a sua mãe, Kambili foi capaz de entender que se chamar de “*nwunye m*” na relação familiar era algo normal, porque fazia parte do processo de aceitação da família por parte do esposo. “Mais tarde Mama sussurrara, apesar de estarmos sozinhas em meu quarto: - Eu sou esposa dela também, pois sou esposa de seu pai. Isso mostra que ela me aceita.” (ADICHIE, 2011, p. 81).

É evidente a relação de sororidade entre lfeoma e Beatrice, não só pela forma de se chamarem e por terem uma ligação de parentesco, mas porque a todo o tempo elas se preocupam uma com a outra e tentam solucionar os problemas que vivenciam por meio do diálogo. Essa preocupação é realçada no cuidado que lfeoma tem quanto à Beatrice, pois ela fica apreensiva com o bem-estar da cunhada.

- *Nwunye m*, venha se sentar. Você parece cansada. Você está bem? – perguntou tia lfeoma. Mama deu um sorriso forçado. – Estou bem, muito bem. Estava ajudando as esposas de nossa *umunna* a cozinhar. – Venha se sentar – repetiu tia lfeoma. – Venha se sentar e descansar. As esposas de nossa *umunna* vão conseguir encontrar o sal sozinhas. (ADICHIE, 2011, p. 81).

Percebe-se que o vínculo, o companheirismo e a sororidade ficam claramente visíveis entre elas, pois compartilham um problema que as afligem, tornando-se, mais do que cunhadas, irmãs. Essas qualidades presentes no relacionamento de lfeoma e Beatrice estão em consonância com as classificações postas por Bonnici (2007, p. 84 apud MARQUES, 2016, p. 56), que afirma que

[...] a sororidade pressupõe ao menos três aspectos [...]. O primeiro diz respeito ao grau de confiança que as personagens femininas têm entre si; o segundo refere-se ao apoio que uma dá a outra; e por último, o estabelecimento de uma “cultura feminina” diferente em todos os aspectos do mundo masculino.

Consegue-se observar que essas categorizações ocorrem na intimidade que existe entre as personagens, do modo que elas têm liberdade entre si para tratar de

assuntos particulares que se referem à cultura local. Em um diálogo com Beatrice, tia Ifeoma confidencia em forma de desabafo a acusação feita pelas pessoas da *umunna*, culpando-a de ter matado o seu marido para receber dinheiro.

As pessoas da *umunna* dele disseram que ele deixou dinheiro em algum lugar e que eu o estou escondendo. No Natal passado, uma das mulheres da propriedade deles até disse que eu havia matado Ifediora. Fiquei com vontade de encher a boca dela de areia. Depois achei que seria melhor sentar com ela e explicar que a gente não mata um marido que ama, que não orquestra um acidente no qual um trailer bate no carro dele. Mas por que perder meu tempo? Eles são mais burros que galinhas d'angola - disse tia Ifeoma soltando um sibilo alto. (ADICHIE, 2011, p. 82).

O ato de confidência e confiança também é praticado por Beatrice quando manifesta os seus sentimentos para Ifeoma, revelando uma angústia escondida e um pequeno descontentamento no que diz respeito à mesma comunidade:

- A *umunna* sempre diz coisas que magoam – disse Mama. – Nossa própria *umunna* não disse a Eugene que ele devia escolher outra esposa, pois um homem de sua estatura não pode ter só dois filhos? Se pessoas como você não tivessem ficado do meu lado naquela época... - Pare, pare com essa gratidão. Se Eugene tivesse feito isso, a perda teria sido dele, não sua. - Isso é o que você diz. Uma mulher com filhos e sem marido é o quê? -Eu. Mama balançou a cabeça. - Lá vem você de novo, Ifeoma. Você sabe o que eu quis dizer. Como uma mulher pode viver assim? - perguntou Mama. Seus olhos estavam arregalados, ocupando mais espaço em seu rosto. - *Nwunye m*, às vezes a vida começa quando o casamento acaba. (ADICHIE, 2011, p. 83).

Nessa situação, pode-se identificar que há um relacionamento operado pela sororidade, pois há “[...] uma prática diária de respeito às outras e de companheirismo [...] por meio da qual se busca uma vida melhor.” (TIBURI, 2016 *apud* SOUZA, 2016, p. 10). Em virtude disso, capta-se que a partir da ligação entre as mulheres, do processo de auxiliar e de se colocar no lugar da outra é que se estabelece a sororidade, que “[...] reivindica o reconhecimento de atitudes solidárias e colaborativas presentes nas relações femininas.” (SANTANA, 2016, p. 111).

O ato de solidariedade acontece fortemente entre as cunhadas. Ao saber da situação financeira de Ifeoma, Beatrice se compadece e tenta convencê-la a pedir um cilindro de gás ao seu irmão. “Mama estava sussurrando; mal consegui discernir as palavras ‘há muitos cilindros de gás cheios sem uso na fábrica’. Ela tentava persuadir tia Ifeoma a pedir que Papa Ihe desse alguns.” (ADICHIE, 2011, p. 104). Sabendo que Ifeoma não iria falar com Eugene, Beatrice resolve tomar a

atitude desugerir ao seu marido o envio de comidas e de cilindros de gás à casa da cunhada, juntamente com a ida de seus filhos, a fim de ajudá-la.

- Talvez, *anam asi* – disse Mama -, eles não devam visitar a casa de Ifeoma de mãos vazias. Papa olhou para ela, parecendo surpreso com a fala dela. - Vamos colocar um pouco de comida no carro, é claro, inhames e arroz - disse ele. - Ifeoma mencionou que estava difícil encontrar cilindros de gás em Nsukka. - Cilindros de gás? - Isso, gás de cozinha. Ela disse que está usando seu velho fogão a querosene. Lembra daquela matéria sobre querosene adulterada que estava fazendo os fogões explodir e matar gente? Achei que talvez você pudesse mandar um ou dois cilindros de gás da fábrica para ela. - Foi isso que você e Ifeoma combinaram? - *Kpa*, eu só estava dando uma sugestão. Você é que decide. (ADICHIE, 2011, p. 117).

Beatrice se coloca no lugar de Ifeoma quando se empenha ao tentar solucionar o problema da outra. O companheirismo mútuo existente entre elas também se mostra quando Ifeoma insurge-se contra o modo de vida que Beatrice leva, principalmente quando soube que Kambili foi hospitalizada após ser espancada por Eugene. Nesse caso, o ato da sororidade aparece por meio da imposição expressa na fala de tia Ifeoma. Por querer bem à sobrinha e à cunhada, deixa clara a benevolência que tem para com elas e, assim, oferece-lhes estadia em sua casa.

- Isso não pode continuar *nwunye m* - disse tia Ifeoma. - Quando uma casa está pegando fogo, a gente sai correndo antes que o teto caia em cima da nossa cabeça. - Nunca foi assim. Ele nunca a puniu desse jeito - disse Mama. - Kambili vai para Nsukka quando sair do hospital. - Eugene não vai deixar. - Eu falo com ele. Nosso pai está morto, então não há nenhum pagão ameaçador em minha casa. Quero que Kambili e Jaja fiquem conosco, pelo menos até a Páscoa. Faça uma mala você também e venha para Nsukka. Vai ser mais fácil para você ir embora quando as crianças não estiverem lá. - Nunca foi assim. - Não ouviu o que eu disse, gbo? - disse tia Ifeoma, erguendo a voz. - Ovi. (ADICHIE, 2011, p. 226).

Da mesma forma, pode-se ver que essa reciprocidade em ajudar uma à outra, numa relação de sororidade, também acontece entre Amaka e Kambili: “Não dormi bem naquela noite; revirei-me tanto que acordei Amaka. Quis contar a ela o sonho que tive [...]. Mas não contei nada. Deixei que Amaka me abraçasse e me embalasse como se eu fosse uma criança, até adormecer de novo.” (ADICHIE, 2011, p. 296-297).

Essa e muitas outras atitudes, mostradas no livro, faz com que Amaka e Kambili desfrutem de laços de amizade: “Jamais havia sentido a cumplicidade que eu sentia ali, sentada ao lado de Amaka, ouvindo suas fitas de Feia e de Onyeka no minúsculo som, no qual ela colocara pilhas novas.” (ADICHIE, 2011, p. 261). Elas

rompem com valores que estão intrinsecamente impregnados na sociedade e que remetem à rivalidade e à competição feminina, tal como afirma Adichie (2015, p. 34): “[...] criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais”.

O companheirismo e a afeição feminina não estão presentes somente nas relações familiares, também ocorre na convivência entre as mulheres que não são parentes, situação que pode ser vista quando Ifeoma acaba tendo um problema de escassez de gasolina no automóvel e se depara com a preocupação de uma mulher desconhecida que está passando e que se prontifica a ajudá-la.

Tia Ifeoma tentou mais uma vez. O carro só gemeu. Alguém buzinou atrás de nós e eu me virei para olhar a mulher no Peugeot 504. Ela saiu do carro e veio em nossa direção; [...]. - Meu carro também parou perto da Eastern Shop ontem - disse a mulher perto da janela de tia Ifeoma, [...] – Meu filho sugou um litro do carro do meu marido hoje de manhã, para eu poder ir ao mercado. O *di egwu*. Espero que o combustível chegue logo. - Vamos esperar para ver, minha irmã. Como está sua família? - perguntou tia Ifeoma. - Estamos bem. Vá com Deus. (ADICHIE, 2011, p. 143).

A mesma situação de querer ajudar também é vista no romance quando uma vizinha oferece carona para Ifeoma. “- Precisamos ir embora. A que horas é sua aula? - Duas. - Você tem combustível? - *Ebekwanu*? Não. - Eu deixo você lá. Tenho um pouco de combustível.” (ADICHIE, 2011, p. 235). Entende-se que essa capacidade de se sensibilizar com a situação e de se colocar no lugar da outra rompe com os traços antagônicos que são disseminados em várias áreas da sociedade causando uma desunião entre as mulheres. Conforme afirma Souza (2016, p. 46): “[...] fomos ensinadas a achar que não temos motivo para nos unirmos ou ainda que mesmo se quisermos nos unir, isso não é possível, afinal, somos mulheres e apenas os homens são capazes de ter laços verdadeiros e intocáveis.”

A sororidade também acontece quando Kambili retorna para o ambiente escolar, logo após o período de férias. Por ser tímida e não conseguir falar publicamente, ela era vista como “metida” pela maior parte das colegas da sala. Ezinne é a única que se aproxima da protagonista e mantém um diálogo com ela. Essa relação de proximidade e companheirismo gera um ato de empatia e de gratidão em Kambili.

Não sabia o que mais dizer, mas queria que Ezinne soubesse que eu era grata por ela ser sempre simpática comigo, embora eu fosse tão estranha e calada. Queria agradecer a ela por não rir de mim e me chamar de “riquinha metida” como as outras meninas faziam, [...]. (ADICHIE, 2011, p. 55).

Outro ponto que denota que a solidariedade não precisa estar ligada a nenhum laço de parentesco se refere ao fato de Sisi, a empregada da casa, se compadecer do sofrimento de Beatrice ajudando-a conseguir um veneno para matar Eugene. Essa ocorrência fica evidente quando Beatrice manifesta que foi com o auxílio da governanta que ela pôs em prática o homicídio. “- Comecei a colocar o veneno no chá dele antes de ir para Nsukka. Sisi arrumou-o para mim; o tio dela é um curandeiro poderoso.”(ADICHIE, 2011, p. 305).

Ao fazer uma análise sobre as posturas das personagens de *Hibisco roxo*, percebe-se que elas colocam em prática a empatia, a união, o companheirismo e a solidariedade não só com o propósito de minimizar a dor e a dificuldade da outra, mas para gerar laços de irmandade entre si. Com essa ação,

Todas elas rompem, de maneiras diferentes, os estereótipos de mulheres submissas, dependentes e frágeis. São mulheres fortes, oriundas da Nigéria, a maioria de etnia Igbo, decididas, que não têm uma atitude passiva, como esperada nos moldes tradicionais. (MÜLLER, 2017, p. 26).

Por fim, pode-se afirmar que a narrativa de *Hibisco roxo* move por meio da ação de sororidade, pois há um vínculo de amizade e parceria muito bem apresentado entre as mulheres da história. Com essa forma de escrita, Chimamanda faz com que sejam difundidos novos olhares sobre as relações de amizade no dia a dia, não só das personagens, mas de cada mulher, irmã e amiga. A autora também nos faz refletir que é preciso deixar de lado a rivalidade e agir com mais sororidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o que foi analisado ao longo deste trabalho, pôde-se verificar que a sororidade está presente no convívio e nas relações de tratamento entre as mulheres de *Hibisco roxo* (2003) de Chimamanda Ngozi Adichie, uma vez que elas conseguem ouvir e se colocar no lugar da outra, ocorrendo, assim, um vínculo de amizade e respeito.

Inicialmente, para uma contextualização geral, discutiu-se como a identidade da literatura africana ressurgiu, mostrando como ocorreu o processo de transição de uma perspectiva colonial para a pós-colonialista. Isso porque, durante muito tempo, a literatura esteve sujeita ao modo de escrita do colonizador, que descrevia a história do continente africano de acordo com o seu ponto de vista.

Em seguida, fez-se uma exposição a respeito das correntes do feminismo, visando descrever as suas concepções, e que serviu de embasamento para a análise das relações feministas em *Hibisco roxo*. Conseguiu-se observar as definições a respeito do feminismo, evidenciando algumas das classificações desse movimento social, como o feminismo ocidental, feminismo negro, feminismo africano, o *Womanism* e a *Africana Womanism*. É importante destacar que, apesar de todas essas especificações, Chimamanda Adichie – autora do livro analisado neste trabalho – nomeia-se apenas feminista.

Explicou-se também sobre o significado da palavra sororidade, que está relacionada ao ato de solidariedade feminina, de uma mulher valorizar e respeitar outra mesmo sem possuir, necessariamente, vínculos familiares. Percebeu-se que essa ação permite gerar uma prática de união e de força feminina como intuito de romper com valores patriarcais, divisão de gênero, rivalidade feminina entre mulheres de diferentes culturas, etnias, raças e religiões. Conseguiu-se compreender que é importante um relacionamento feminino, pois estabelece uma socialização e uma conscientização entre as mulheres, buscando, assim, romper com pensamentos de hostilidade e de competições existentes na sociedade.

Outro assunto importante para a análise do livro foi entender o estilo da escrita literária feminina de Chimamanda e de outras autoras no contexto do pós-colonialismo, que dá foco às vozes das mulheres africanas. Ao ganharem espaço no ramo literário pós-colonial, algumas autoras africanas tiveram reconhecimento nacional e internacional, pois têm como foco principal a mulher africana e a

comunidade em que está inserida. E é nessa perspectiva que Chimamanda tem-se destacado, pois ao narrar histórias que estão relacionadas a esse assunto, traz uma reflexão acerca da igualdade de gênero, da amizade entre as mulheres, divulgando o negro como sujeito em suas obras literárias. Além disso, produz importantes metáforas relacionadas aos períodos históricos marcantes da história da Nigéria como, por exemplo, o golpe militar e a guerra do Biafra.

A partir dessas considerações, verificou-se a importância da escrita de Adichie na literatura africana contemporânea, pois ela possui um modo diferente de escrever as suas histórias e de mostrar um cenário que é parecido com a história de seu povo. Em *Hibisco roxo*, observou-se que realmente a prática da sororidade acontece entre as mulheres do romance, pois elas ultrapassam fronteiras de laços de amizade para ajudarem-se umas às outras. A sororidade fica expressa nas ações de Kambili, Beatrice, Amaka e Ifeoma e de outras personagens secundárias.

Ao longo da narrativa, pôde-se constatar que o respeito mútuo, a empatia e a solidariedade estiveram presentes no meio dessas mulheres, o que as tornou diferentes na comunidade, pois agem solidariamente por meio de diálogo, de cuidado, de assistências – não só financeira – e sensibilizam com a situação da outra. Conclui-se, ainda, que a ocorrência da sororidade é um fator muito importante nas relações entre as mulheres, pois amplia o grau de afinidade e intimidade que elas devem ter entre si e elimina resquícios de rivalidades presentes na esfera feminina.

REFERÊNCIAS

ABOUT, The Chimamanda Ngozi Adichie. **Biography**. Disponível em: <<https://www.chimamanda.com/about-chimamanda/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o protetorado britânico: ensaios**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ADICHIE, Chimamanda N. **Chimamanda Ngozi Adichie**. Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

ADICHIE, Chimamanda N. **Hibisco roxo**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução Denise Bottmann. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALVES, Ana C. O. N.; SANTOS, Áurea R. do N.; ALMEIDA, Caio C. V. de. Estereótipos, identidade cultural e a resistência no romance Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie. **Anais do IV Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Africanas**. Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Teresina – Piauí – Brasil, nov. 2015.

ALVES, Iulo A.; ALVES, Tainá A. O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie*. In: **I Ciclo de Eventos Linguísticos, Literários e Culturais**, realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus Jequié, Seção F: A abordagem social das identidades culturais, 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

BECKER, Márcia R. A sororidade como experiência produzida na pesquisa participante. **37ª Reunião Nacional da Anped**, GT06 - Educação Popular, 2015. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/sororidade-como-experiencia-produzida-na-pesquisa-participante>>. Acesso em: 12 de out. de 2018.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

CAETANO, Marcelo J. Itinerários africanos: do colonial ao pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Minas Gerais, v. 4, n. 2, s/p. Abril/ Maio/ Junho de 2007. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em: 22 maio 2018.

CASSILHAS, Fabricio H. M. **A interculturalidade em Half of a Yellow Sun, de Chimamanda Ngozi Adichi: uma análise comparativa de traduções portuguesa e brasileira**. Dissertação mestrado – Programa de Pós Graduação em Estudos da

Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Santa Catarina, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso*. What's in a Name? Womanism, Black Feminism, and Beyond. **Revista Scielo**, Campinas, nº 51, 18 dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332017000300510&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 out. 2018.

DICIO. **Dicionário on-line de Português**, c2009-2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sororidade/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GARCIA, Dantielli A.; SOUSA, Lucília M. A. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Estudos linguísticos**. São Paulo, p. 991-1008, set. – dez. 2015.

MARQUES, Gracielle. **A voz das mulheres no romance histórico latino-americano: leituras comparadas de Desmundo, de Ana Miranda, e Finisterre, de María Rosa Lojo**. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

MARTINS, Catarina. “La noire de...” tem nome e tem voz. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações. **e-cadernos CES**. Coimbra, p. 119-144, dez. 2011.

MÜLLER, Fernanda de O. **O florescer das vozes na tradução de Purple Hibiscus, de Chimamanda Ngozi Adichie**. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

OLIVEIRA, Maria A. C. de. Deslocamentos e estratégias de resistência em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Anais do SILEL**, v. 3, n 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

PONTUAL, Jorge. Escritora militante feminista tem livro lido por toda Nova York. In: **Globo News Play**. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6030211/>>. Acesso em: 2 out. 2018.

PENKALA, Ana. A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black. **IV SIGAM – Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória** em novembro de 2014. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/paralelo31/files/2015/03/13_dossie_04_artigo_penkala.pdf>. Acesso: em 22 maio 2018.

SANTANA, Marluce de F. **Deslocamentos patriarcais pelo feminismo de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado em Crítica Cultural, área de

concentração em Letras. Universidade do Estado da Bahia – Campus II – Alagoinhas – Bahia, 2016.

SILVA, Carolina S. da. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. 2016. 130 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

SOUZA, Rafael F. N.; BARZOTTO, Leoné A. As faces de Ifemelu em Americanah (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie. **Raído, Dourados**, v. 10, n. 21, p. 54-68, maio 2016. ISSN 1984-4018. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5210>>. Acesso em: 19 out. 2018.

TELEGA-SOARES, Natalia. “**E ouviram-se as vozes de mulheres africanas...**”: o feminismo africano e a escrita de Chimamanda Ngozi Adichie. Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres - As Mulheres na Sociedade e na Cultura. Faculdade de ciências sociais e humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2014.

TEOTÔNIO, Rafaella C. A. **Por uma modernidade própria**: o transcultural nas obras Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie e O sétimo juramento, de Paulina Chiziane. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2013.

VERONESI, Raquel B. **A reescritura das personagens “womanistas” de The color purple para o cinema**. 158 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2015.

ZOLIN, Lucia. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.